



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.**

## **O Conceito de Trabalho em Calvino**

*Edilson Constantino da Silva*

NATAL / RN  
JULHO / 2004.

EDILSON CONSTANTINO DA SILVA

## **O Conceito de Trabalho em Calvino**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo professor Dr. Hélder Viana, visando à conclusão do curso de História - Licenciatura e Bacharelado – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como orientadora a Professora Maria Emília Monteiro Porto.

NATAL /RN  
JULHO/2004.

EDILSON CONSTANTINO DA SILVA

## **O Conceito de Trabalho em Calvino**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo professor Dr. Hélder Viana, visando à conclusão do curso de História - Licenciatura e Bacharelado – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo como orientadora a Professora Maria Emília Monteiro Porto.

## DEDICATÓRIA

*...Para o pequeno Pierry, futuro historiador.*

*...Para Maria Leila, a moça mais linda do mundo.*

*...E para o amigo José Maria Pessoa.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao Criador Eterno, Pai Bondoso, Imortal e Soberano da História, que sempre esteve ao meu lado me fortalecendo. Obrigado por esta dádiva maravilhosa!

A minha Mãe, conselheira de todas as horas, que me ensinou como utilizar todos os recursos de que disponho para solucionar os desafios da vida. Obrigado pelas horas dedicadas e pelas orações que irrompiam as madrugadas em meu favor. Ao meu Pai, pela confiança e motivação que em mim sempre depositou. E a minha Avó, que sempre me auxiliou nos momentos em que eu mais precisava. Esta é a triade das pessoas mais importantes de minha existência! Sem vocês as coisas não seriam as mesmas...

Aos grandes amigos Jobson Monteiro e Andrezza Lima, a quem devo muitos momentos de criatividade, conselho, repreensão, correção, motivação e companheirismo. Infelizmente, chegarei ao fim desta vida e não conseguirei pagar metade da dívida que contrai convosco.

A minha orientadora Maria Emília, pelos momentos atribuídos a esta pesquisa, pelos conselhos técnicos, por disponibilizar material teórico, pelos apontamentos críticos bastante significativos, pela sua dedicação, empatia, profundo apreço e contínua motivação. Sua forma de orientar fez a diferença.

Também gostaria de agradecer, de forma muito especial, a algumas mentes brilhantes que conheci no decorrer de minha vida acadêmica: Jair Araújo, Wicliffe Costa, Lucas Alves Bezerra e Denise Monteiro, que trouxeram, conscientemente ou não, muitas contribuições para este trabalho e forneceram prolíficas informações sobre diversos aspectos que vieram, de certa forma, moldar as estruturas mentais que se encontram nas entrelinhas desta pesquisa. **Muito Obrigado!**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	06
<b>CAPÍTULO 1 CALVINO: O homem e sua época</b> -----	15
<b>CAPÍTULO 2 NOÇÕES PRELIMINARES: Sistema Teológico, Providência e Predestinação Divina</b> -----	27
<b>CAPÍTULO 3 O SENTIDO DO TRABALHO HUMANO: Em Calvino e na Tradição Medieval</b> -----	37
<b>CAPÍTULO 4 TRABALHO COMO VOCAÇÃO: Fomos feitos pra trabalhar</b> -----	43
<b>CAPÍTULO 5 TRABALHO COMO “IMITAÇÃO” DA ATIVIDADE DIVINA</b> -----	51
<b>CONCLUSÃO</b> -----	61
<b>BIBLIOGRAFIA</b> -----	65

## INTRODUÇÃO

João Calvino é considerado por muitos como um dos grandes pensadores da humanidade, um escritor prolífico que nos legou abundante literatura contendo profusas idéias referentes a aspectos diversos do conhecimento humano. Ricardo Q. Gouvêa foi bastante enfático ao escrever: “Dizer que Calvino foi um grande teólogo soa como um eufemismo tímido e impróprio. É bem provável que Calvino tenha sido o maior e o principal teólogo cristão de todos os tempos”.<sup>1</sup> Joseph Scalinger o intitulava *Solus inter Theologos*.<sup>2</sup>

Embora o renomado Voltaire tenha zombado dele chamando-o de “o papa dos protestantes”, Montesquieu, categoricamente, afirmou que “os genebrinos deveriam tornar bendito o dia em que Calvino nasceu”.<sup>3</sup> E Charles Spurgeon, reconhecendo a importância do sistema teológico do reformador, disse certa vez: “Quanto mais tempo eu vivo, mais claro se torna que o sistema de João Calvino é o que está mais perto da perfeição”.<sup>4</sup>

Na História do Cristianismo, poucos homens suscitaram tão volumosa e complexa produção literária como ele. Suas obras compreendem 59 grossos volumes<sup>5</sup> da coleção *Corpus Reformatorum*. As “*Institutas da Religião Cristã*”, sua obra mais conhecida, ocupam quatro destes volumes; outros cinco ou seis volumes contêm os chamados “*escritos ocasionais*”, e outros onze, as conhecidas “*correspondências*” de Calvino. Ainda restam 35 volumes onde estão contidas suas *obras bíblicas*, que incluem os comentários sobre o Pentateuco, Josué, Salmos, Isaías e o Novo Testamento em sua plenitude (exceto 2 e 3 Epístolas de João e o Apocalipse). Incluem-se, ainda, várias

---

<sup>1</sup> LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2000, p. 115.

<sup>2</sup> Idem. p. 123.

<sup>3</sup> Idem. (Ver também CHRISTIAN History. v. 4, p. 2).

<sup>4</sup> SPURGEON, Charles apud Idem.

<sup>5</sup> FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. São Paulo: Ed. Luz para o Caminho, 1999, p. 115.

transcrições de suas *preleções* sobre todos os profetas e os *sermões* nos quais comentou versículo por versículo de Gênesis, Deuteronômio, Juízes, 1 e 2 Samuel, Jó, quase todos os profetas, alguns Salmos, parte dos Evangelhos, Atos dos Apóstolos, 1 e 2 Epístolas de Paulo aos Coríntios, Gálatas, Efésios, 1 e 2 Tessalonicenses, as Epístolas Pastorais e Hebreus.

Tratando da importância destas obras de Calvino, André Biéler fez, no preâmbulo de seu livro *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, o seguinte comentário: “Sua obra literária é tão volumosa, seus escritos teológicos, seus comentários bíblicos, seus tratados, seus sermões e suas correspondências tão densos e tão ricos, que ainda não se conseguiu extrair deles os inexauríveis tesouros”.<sup>6</sup>

B. B. Warfield, falando de sua principal obra, afirmou: “O que Platão é entre os filósofos, ou a Iliada entre os épicos, ou ainda Shakespeare entre os dramaturgos, isso *As Institutas* de Calvino é entre os tratados teológicos”. J. I. Packer disse: “*As Institutas* de Calvino é um dos livros mais grandiosos da Igreja. Nele o mais brilhante, perceptivo e pensador profundo dos Reformadores comprimiu tudo quanto sabia da graça e da verdade de Deus”.<sup>7</sup> E, Philip Schaff afirmou: “Ele foi o habilidoso exegeta entre os reformadores, e seus comentários estão entre os melhores do passado e do presente”.<sup>8</sup>

Em uma carta endereçada ao amigo Eduardo Thurneysen em junho de 1922, Karl Barth (1886-1968), então professor de Teologia Reformada na Universidade de Göttingen, na Alemanha (considerado por muitos como o maior teólogo do século XX), escreveu:

Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar esse fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente...Eu poderia feliz e

<sup>6</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. p. 27.

<sup>7</sup> WILES, Joseph Pitts. *As institutas da fé cristã: um resumo*. São Paulo: Ed. PES. 1984. p. 1.



proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino.<sup>9</sup>

E R. H. Tawney, falando especificamente do Calvinismo<sup>10</sup>, disse:

O Calvinismo foi uma força ativa e radical. Era uma fé que buscava não somente purificar o indivíduo, mas ainda reconstruir a Igreja e o Estado e renovar a sociedade, fazendo penetrar em cada setor da vida pública e privada a influência da religião.<sup>11</sup>

Como podemos perceber pelas várias declarações supracitadas, há um reconhecimento geral, no ambiente acadêmico, da importância das idéias de Calvino na formação dos modos de pensamento ocidental. Sua concepção sobre o trabalho influenciou, e ainda influencia, em múltiplas circunstâncias, a ética trabalhista da sociedade ocidental. Portanto, uma abordagem acerca do Conceito Calviniano do Trabalho seria pertinente até mesmo para compreender melhor a influência de Calvino na gênese de nossa civilização capitalista e industrial, influência esta tão enfatizada por Max Weber em seu clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

Ao longo da trajetória dos estudos econômicos, diversos autores, tais como Ernest Troeltsch, Émile Doumergue, Georges Goyau, Louis Rougier, R. H. Tawney, Max Weber, André E. Sayous e Henri Hauser,<sup>12</sup> têm emitido enunciados sobre a influência do pensamento de Calvino no desenvolvimento do capitalismo. Não obstante, nem sempre estes enunciados estão fundamentados nas obras do próprio reformador. Como, por exemplo, as tentativas de alguns em estabelecer, superficialmente, uma relação tipo causa-efeito entre o pensamento socioeconômico de Calvino e a origem do sistema capitalista; e a recusa de alguns em ver qualquer relação entre as duas realidades. Ambas as concepções são muito apressadas e parciais.

<sup>9</sup> BARTH, Karl apud GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1994, p. 163. Ver também BARTH, Karl. *Revolutionary Theology in the Making*, p. 101.

<sup>10</sup> Para uma discussão abrangente sobre o termo Calvinismo ver KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2002, p. 20 – 27.

<sup>11</sup> TAWNEY, R. H. apud BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 27.

Como se relacionam *Calvinismo e Capitalismo* tem sido um tema de enorme controvérsia. Provavelmente, o primeiro teórico a levantar a idéia de que o Calvinismo seria a fonte do *ethos capitalista* foi o sociólogo e economista alemão Werner Sombart<sup>13</sup> em 1902. No entanto, o assunto só se tornou conhecido a partir da pesquisa do sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, publicada em 1904-1905. Nesta tese, essencialmente antagônica à de Karl Marx, Weber concluiu que a *dimensão religiosa* exercia uma profunda influência sobre a *vida econômica*. Ele procurou demonstrar que a teologia e a ética do Calvinismo constituíam fatores essenciais no desenvolvimento do sistema capitalista presente na região norte da Europa e nos Estados Unidos.

De fato, Calvino discorreu bastante sobre questões econômicas e há em seu sistema teológico elementos que contribuíram para uma nova atitude em relação ao trabalho e a vida econômica, os quais, sem dúvida, colaboraram para a ulterior gênese do capitalismo. Até mesmo André Biéler, que se opõe à tese de Weber, reconhece: “Mercê desta visão assaz característica do mundo, Calvino e o Calvinismo de origem contribuíram, certamente, para tornar muito mais fáceis, no seio das populações reformadas, o desenvolvimento da vida econômica e o surto do capitalismo nascente”.<sup>14</sup>

Reconhecendo a importância das reflexões suscitadas acerca desta relação, a presente pesquisa se propõe analisar o conceito de trabalho conforme é apresentado no esquema teológico do reformador genebrino. Se bem que, estas influências das idéias

---

<sup>13</sup> O sociólogo e economista alemão Werner Sombart, ex-aluno da Universidade de Pisa, e depois, da Universidade de Berlim, foi professor de Economia Social em Breslau e escreveu *Der Modern Kapitalismus*, em que apresentou pela primeira vez a idéia da associação entre o Calvinismo e o espírito do Capitalismo. Por volta de 1902, Max Weber, amigo de Sombart, era co-editor com ele da famosa revista de Ciências Sociais. Parece que Weber, influenciado pelas idéias de Sombart, que depois tomou posição contrária a ele, dedicou-se à pesquisa de tal tema até sua morte prematura em 1920, e seus ensaios foram publicados anos depois sob o título conhecido: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Para maiores detalhes acerca destes fatos veja: FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*, p. 218-219.

<sup>14</sup> BIÉLER, André. *Calvino*, p. 112.

calvinianas, de cunho tipicamente econômico, no desenvolvimento do capitalismo não constituem, senão secundariamente,<sup>15</sup> nosso objeto de pesquisa aqui.

Nosso propósito nesta pesquisa consiste em especificar o que Calvino concebia sobre o trabalho, e como tal concepção encontra sentido em seu sistema teológico. E, mais especificamente, compreender como Calvino relaciona tal conceito, tipicamente socioeconômico, com a sua perspectiva religiosa da providência e da predestinação divinas.

Esta investigação encontra-se organizada em quatro tópicos essenciais, que procuraremos estudar: 1. O contexto histórico que condicionou o surgimento do *conceito de trabalho* na mente de Calvino; 2. Os fundamentos da Teologia Calviniana, principalmente aqueles referentes a doutrina da providência divina, que forneceram suporte lógico para o *conceito de trabalho* do reformador; 3. Como a concepção calviniana do trabalho difere daquela que se achava presente na tradição medieval; e 4. A *noção de dignidade* associada ao trabalho humano, conforme é apresentada em todo seu pensamento.

Segundo a perspectiva calviniana, Deus é tido como a origem da natureza e da história humana, e com seu cuidado divino dirige a história por seu beneplácito e por sua providência. Deus sustenta a humanidade através do trabalho, meio por ele designado a fim de que o homem obtenha as riquezas e o alimento terreno.<sup>16</sup>

Em toda esta pesquisa, demonstrar-se-á o percurso da noção calviniana de *dignidade* associada ao Conceito de Trabalho. Para Calvino, o homem não se realiza senão no trabalho.<sup>17</sup> Por isso, ele ressalta certa relação existente entre o trabalho realizado por Deus na criação e na manutenção do mundo e o trabalho humano secular.

---

<sup>15</sup> Para uma discussão mais abrangente sobre a influência das idéias de Calvino na gênese da Sociedade Moderna e do Sistema Capitalista ver BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 621-662.

<sup>16</sup> CALVINO, João. *Comentário ao Novo Testamento*, Jo. 5:17.

<sup>17</sup> *Idem*, Lc. 17:7-10.

Fazer uma abordagem meramente econômica de sua concepção sobre o trabalho significaria limitar desnecessariamente a compreensão deste tópico e obter uma visão parcial do que se passava pela mente do autor quando consubstanciou suas idéias nos documentos. Seria, no mínimo, fazer vistas grossas à conjuntura histórica imediata que, de certa forma, condicionou as idéias e o seu registro. Sendo assim, se faz necessário compreender elementos fundamentais da Teologia Calviniana antes de fixarmos qualquer definição acerca do trabalho. A noção de trabalho é tida como doutrina teológica em Calvino e é nestes termos que deve ser interpretada, sob pena de não fazermos justiça ao autor e violentarmos desnecessariamente a fraseologia por ele utilizada.

Alguns estudos das obras de Calvino, feitos por críticos, sob vários ângulos, tornaram possível uma espécie de “reconstrução do pensamento” do reformador referente a aspectos econômicos e sociais. Segundo Antony Babel, tais aspectos “tinham sido bem pouco estudados”<sup>18</sup> na literatura do reformador. E, se por um lado, se tem atribuído bastante importância às concepções religiosas e políticas do reformador genebrino, e vários estudos já foram realizados acerca destas concepções, o mesmo não podemos afirmar com relação ao seu “pensamento econômico”. Se bem que o aspecto econômico nunca constituiu para Calvino um fim em si mesmo. Ele entendia o que chamamos de *relações de ordem econômica* como um elemento particular das *relações espirituais* que constituem a dimensão mais relevante em todo o seu pensamento. Todas as suas idéias encontram-se impregnadas de conceitos tipicamente teológicos. E Calvino não estava inconsciente deste fato; pelo contrário, ele considerava explicitamente suas obras como de natureza religiosa, apesar de envolver em sua teologia múltiplos elementos de teor político, econômico e social.

---

<sup>18</sup> BABEL, André. *Commentaire sur les oeuvres de J. CALVIN*. 26

Seu conceito de trabalho tem estimulado grandes debates entre os historiadores que se dedicam ao estudo do Calvinismo. De fato, é bastante complexo este conceito calviniano; no entanto, muito avançaremos em busca da compreensão de suas idéias concernentes a este assunto se levarmos em consideração o fato, já mencionado, de que tal conceito, geralmente tido como socioeconômico, encontra-se inserido numa conjuntura maior e de natureza diferente, ou seja, teológica.

O conceito de trabalho em Calvino mantém estreita relação com sua Teologia Reformada e constitui apenas um minúsculo aspecto nessa dimensão, de certa forma, transcendental ou metafísica.<sup>19</sup> Toda e qualquer concepção de Calvino acerca do Trabalho, e sobre qualquer outra temática, surge, a priori, de sua concepção bíblico-teológica sobre a relação existente entre as esferas mundana e divina, entre as ordens natural e sobrenatural.

Nesta pesquisa, houve uma preocupação de nossa parte em estudar, predominantemente, os textos do próprio Calvino. Mas não nos limitamos a fontes de natureza primária; utilizamos também obras de outros pensadores, doutos no assunto ou versados em questões limítrofes que viessem de certa forma contribuir para o esclarecimento progressivo da problemática suscitada na presente pesquisa.

De Calvino, fizemos uso das *Institutas*<sup>20</sup> (sem dúvida o mais sistemático tratado teológico do reformador), as *Pastorais*<sup>21</sup> e seus Comentários sobre os livros da Bíblia: *Comentário ao Novo Testamento*,<sup>22</sup> *Exposição de 1 Coríntios*,<sup>23</sup> *Exposição de Romanos*<sup>24</sup> e *Comentário de Gálatas*.<sup>25</sup> Nestas fontes encontramos referências ao trabalho espalhadas em diversos contextos distintos entre si; porém a clareza meridiana

---

<sup>19</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. p. 513.

<sup>20</sup> CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. (Tradução Waldyr Carvalho Luz).

<sup>21</sup> Idem. *Pastorais*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1995.

<sup>22</sup> Idem. *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.

<sup>23</sup> Idem. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.

<sup>24</sup> CALVINO, João. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

<sup>25</sup> Idem.

de algumas destas referências nos permitiram apreender, com segurança, o significado pretendido pelo autor. Para isso, nos deteremos numa análise da fraseologia utilizada por Calvino verificando quais os elementos subjacentes a sua utilização.

Com relação às obras de outros autores, fizemos contínuo uso do livro *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, de autoria de André Biéler, que se propõe a fazer, baseado nas obras de Calvino, uma espécie de reconstrução do seu pensamento econômico-social no tocante aos aspectos mais diversos da sua teologia. Usamos a tão conhecida obra de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*,<sup>26</sup> na qual o autor procura demonstrar que algo no estilo de vida daqueles que professaram o Protestantismo favoreceu, de alguma forma, o espírito do capitalismo. E utilizamos, entre outras obras, *A Doutrina da Predestinação em Calvino* de Fred H. Klooster,<sup>27</sup> em que se faz um levantamento de vários aspectos da doutrina calviniana da dupla predestinação e estabelece alguns conceitos básicos, tais como os conceitos de “vocação” e “eleição” em Calvino, o que muito nos auxiliou no desenvolvimento da nossa pesquisa. Também utilizamos uma obra conjunta de Cláudio Lembo, Hermisten M. da Costa, Ricardo Q. Gouvêa e Antonio G. Mendonça intitulada *O Pensamento de João Calvino*.<sup>28</sup> Estes autores procuram esboçar uma breve história da Reforma Protestante, suas vertentes teológicas e suas reflexões filosóficas, políticas e econômicas.

Enfim, a adequação desta pesquisa consiste em esclarecer um conceito deveras importante, e ao mesmo tempo complexo, para o historiador - o conceito de trabalho. É imprescindível ao historiador das idéias apreender como uma conjuntura intelectual sofre alterações ao longo do tempo e em respectivos espaços. É pertinente perceber

---

<sup>26</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret. 2002.

<sup>27</sup> KLOOSTER, Fred H. *A doutrina da predestinação em Calvino*. São Paulo: Ed. SOCEP, 1992.

<sup>28</sup> LEMBO, Cláudio; COSTA, Hermisten M.; GOUVÊA, Ricardo Q.; MENDONÇA, Antonio G. *O pensamento de João Calvino*. São Paulo: Ed. SOCEP, 1992.

como as idéias e seus adeptos influenciam-se reciprocamente no âmbito da conduta e no interior das práticas sociais.

Mas é mui relevante, também, entender como um conceito - uma representação, uma percepção do real, envolta em uma lógica interna caracteristicamente sistemática e consistente, tais como são as concepções religiosas - surge num determinado ambiente histórico, mediante um agente, um pensador, que mesmo como *filho do seu tempo*, é capaz de promover, no plano das idéias, *rupturas, inovações e perpetuações* em resposta a uma nova conjuntura de fatores emergentes. A especificação do conceito de trabalho em Calvino, evidentemente, situa-se teoricamente no cerne desta problemática. Isto nos convida a observar mais de perto esta questão a fim de esclarecer esta *composição do conceito* e seus elementos idiossincráticos, suprindo assim, porém não esgotando, a necessidade de pesquisas nesta área e evitando possíveis confusões conceituais entre os historiadores.

## CAPÍTULO I

### CALVINO – O homem e sua época

É impressionante a diversidade de pontos de vista existentes sobre a personalidade e influência de Calvino na história. O vastíssimo material que se tem produzido no mundo ocidental a respeito dele, revela a importância deste pensador. Mas, como bem afirmou Wilson C. Ferreira, “embora haja abundante material a respeito dele em outras línguas, não o há em português. Há mesmo falta, que precisa ser preenchida”.<sup>29</sup>

Dai acharmos necessário, neste primeiro capítulo, discorrer um pouco sobre a pessoa de Calvino, sua educação, suas motivações, seu ambiente histórico e a efervescência de profundas mudanças ocorridas no seio de sua sociedade, ou seja, aquelas alterações que, no vórtex de desenfreadas “inovações” teológicas, influenciaram os múltiplos aspectos que compunham a conjuntura daquela sociedade, que gradualmente deixava para trás as características feudais abraçando os elementos constituintes de uma nova estrutura dita *moderna*.

Neste capítulo nos propomos, em linhas gerais, a expor um conjunto de sínteses sobre temas que consideramos essenciais para compreensão do processo de formação do pensamento de Calvino. Trata-se de uma contextualização histórica. Com isto queremos fazer uma espécie de construção teórica que venha demarcar o escopo e o nível de nossa pesquisa conforme os objetivos desta investigação. Aqui trataremos da Reforma Protestante, suas causas e interpretações, e o lugar ocupado por Calvino neste movimento. O que foi a Reforma? Quem foi Calvino? Que elementos, e de que natureza, no esteio da Reforma do século XVI, levaram Calvino a ser considerado o

---

<sup>29</sup> FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*, p. 16.



príncipe dos teólogos protestantes?<sup>30</sup> Quais as contribuições de sua época para a Reforma e para a formação de suas idéias, e, conseqüentemente, para a formulação do seu conceito social do trabalho?

Henry S. Lucas disse: “O sistema teológico de Calvino foi o mais elaborado e científico corpo de dogma produzido no campo protestante”. Ao que parece, Lutero, embora demonstrasse profunda capacidade revolucionária e sensibilidade mística, nunca construiu, de forma tão conexa, um sistema.<sup>31</sup> Melanchthon “foi um discípulo e nunca o proclamador pioneiro de uma teologia”.<sup>32</sup> E Zuínglio “foi o produto de diversas influências e atuou somente sob o impulso de eventos específicos”<sup>33</sup> não constituindo assim um teólogo sistemático. Calvino, por outro lado, foi singular na construção de um “sistema conexo de vida” que permitia a seus adeptos honrar a Deus por meio das atividades laicas, no cenário secular, vivendo ativamente no interior do profano; e este sistema emerge, sem dúvida, de uma constelação de fatores que merece ser aqui estudada.

As idéias de João Calvino não surgiram no vácuo. Lembremo-nos que a Reforma, e conseqüentemente as idéias dos reformadores, surgiu num contexto Humanista e Renascentista.<sup>34</sup> Calvino foi um homem do seu tempo, produto das

---

<sup>30</sup> Ver LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 115.

<sup>31</sup> Ver Idem, p. 68. E para uma abordagem mais ampla sobre o conceito de Sistema Teológico leia o capítulo 2 da presente pesquisa.

<sup>32</sup> LUCAS, Henry S. *The renaissance and the reformation*. Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1934, p. 579.

<sup>33</sup> Idem. Veja também SCHAFF, Philip. *The Creeds of Christendom*. Grand Rapids: Baker Book House, 1931, v. 1, p. 360. Philip Schaff diz que a influência de Zuínglio foi mais histórica que doutrinária. Para uma discussão mais exaustiva acerca de Zuínglio, sua personalidade, idéias e influências leia as seguintes obras: HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1973, p. 219-220; GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1993, p. 109-162; SCHAFF, Philip. *History of the christian church*, v. 8, p. 31. Para uma exposição acerca da Reforma de Zuínglio nos Cantões Alemães do Norte da Suíça veja: CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995, p. 244-251.

<sup>34</sup> Para uma discussão mais ampla sobre as influências do Humanismo e do Renascimento sobre a Reforma Protestante veja as seguintes obras: HACK, Osvaldo Henrique et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 13-21; SENARCLENS, Jacques. *Herdeiros da reforma*. São Paulo: Ed. ASTE, 1970, p. 103; SCHAFF, Philip. *A fê de los humanistas*, p. 10; BOISSET, Jean. *História do protestantismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, p. 17; BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Ed. Mestre Jou.

circunstâncias vigentes, influenciado por elas, seja de uma forma “favorável” ou “desfavorável” (caso venhamos a ser axiológicos), seja em atitude de *fazer perpetuar* as circunstâncias ou em atitude de *ruptura*, agindo contrário a elas. É nestes termos que ele precisa ser tratado, sob pena de dissociá-lo de qualquer acidente<sup>35</sup> histórico.

Reconhecendo a idéia acima exposta, Philip Schaff escreveu: “Revolução é seguida por Reconstrução e consolidação. Para esta tarefa Calvino foi providencialmente preordenado e equipado por gênio, educação e circunstâncias”.<sup>36</sup> Então, estudemos mais de perto estas circunstâncias.

João Calvino nasceu em 10 de Julho de 1509, em Noyon.<sup>37</sup> Seu pai, Gérard Calvin era um auxiliar do bispo local. Sua mãe Jeanne falecera quando Calvino tinha apenas cinco anos de idade. Aos 12 anos, ele foi gratificado com um *benefício eclesiástico*, cuja renda serviu-lhe para custear seus estudos. Em 1523, foi a Paris e começou seus estudos de Humanidades e língua latina no Collège de la Marche, e cursou teologia no Collège de Montaigu. Já em 1528 iniciou seus estudos em Direito, em Orléans e depois em Bourges, onde também estudou grego com Melchior Wolmar. Após a morte do seu pai, em 1531, Calvino retornou a Paris e dedicou-se profundamente ao estudo das obras clássicas. Em 1532, ele publicou um comentário sobre o tratado de Sêneca intitulado *De Clementia*.

Em 1533, Calvino se converteu ao Protestantismo,<sup>38</sup> e no ano seguinte, renunciou ao *benefício eclesiástico*. Em 1536, publicou a primeira edição das *Institutas*,

---

<sup>35</sup> O termo Acidente aqui deve ser entendido no sentido filosófico, ou seja, como sinônimo de *Atributo*, em contraposição ao termo *substância*. Acidente é tudo aquilo que reside no ser, porém não se confunde necessariamente com sua essência ou substância; atributos tais como: cor, altura, sentimentos, movimento e riso são acidentes e constituem *coisas* que não possuem existência própria, mas que existem *no ser* que as possui, que existem em outra *coisa* diferente delas. Para uma discussão mais completa sobre Substância e Acidente, no sentido filosófico, veja MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1994, p. 140-150.

<sup>36</sup> SCHAFF, Philip. *History of the christian church*, vol. 8, p. 257.

<sup>37</sup> Para uma biografia mais vasta de Calvino leia: FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*.

<sup>38</sup> Para saber mais acerca de sua conversão leia GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*, p. 171-

sua obra prima,<sup>39</sup> introduzida por uma carta endereçada ao rei Francisco I. Alguns meses depois, Guilherme Farel o convidou para auxiliá-lo na cidade de Genebra, que recentemente havia abraçado os ideais da Reforma. Eles logo entraram em confronto com as autoridades civis locais sobre algumas questões, tais como disciplina, profissão de fé e estrutura litúrgica e foram expulsos da cidade.

Em 1538, Calvino se dirigiu para a cidade de Estrasburgo, onde atuou como pastor e professor, e casou-se com Idelette de Bure. Ali redigiu uma nova edição das *Institutas*, o *Comentário aos Romanos*, e algumas outras obras. Posteriormente, voltou à cidade de Genebra, tornou-se pastor da igreja, escreveu as *Ordenanças Eclesiásticas*, entrou em conflito com autoridades e algumas famílias locais; e em 1553, ordenou a execução de Miguel Servet.<sup>40</sup> Neste mesmo ano, escreveu seus *Comentários Bíblicos*. E, em 1555, sua autoridade fora finalmente estabelecida em Genebra.

Em 1559, foi publicada sua última edição das *Institutas* (neste mesmo ano aconteceu o primeiro sínodo da Igreja Reformada da França). E, em 1564, Calvino faleceu.

A Reforma Protestante do século XVI foi um movimento essencialmente religioso de natureza individualista. Dentre suas idéias mais divulgadas encontram-se: 1. A justificação somente pela fé; 2. O sacerdócio universal de todos os fiéis; 3. A rejeição dos sacramentos, exceto o batismo e a eucaristia; 4. A igualdade de direitos entre o clero e os leigos; e 5. O livre exame das Escrituras.

---

<sup>39</sup> Para um comentário mais amplo sobre as obras de Calvino veja FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*, p. 140-150.

<sup>40</sup> Miguel Servet foi um médico espanhol que condenado por heresia (Anti-trinitarianismo e Anti-pedobatismo), tanto pelo Catolicismo quanto pelo Protestantismo, fora queimado vivo na cidade de Genebra, em 27 de Outubro de 1553, sob a tácita aprovação de Calvino. Durante o julgamento de Servet, Calvino escreveu: "Eu espero que o veredicto seja pena de morte". (Ver NIGG, Walter. *The heretics*. Nova York: Alfred A. Knopf, Inc., 1962, p. 328). Talvez seja devido a episódios como este que alguns tem se referido a Genebra como a "Roma do Protestantismo" (Ver *THE WYCLIFFE Biographical Dictionary Of The Church*. Nova York: Moody Press, 1982, p. 73) e a Calvino como "o Papa protestante de Genebra" (Ver FRITCHMAN, Stephen H. *Men of liberty*. Nova York: Reissued, Kennikat Press, Inc., 1968, p. 8). Para uma abordagem mais ampla Sobre a execução de Servet veja as seguintes obras: BAINTON, Roland H. *Hunted Heretic*. Nova York: The beacon Press, 1953, p. 207; FULTON, John F.

A idéia fundamental da *justificação unicamente pela fé* transferiu o centro das preocupações religiosas da coletividade para dentro do indivíduo. Fé é algo pessoal, individual, afirmavam os reformadores, em contraposição ao universalismo medieval. As idéias da Reforma colocavam o indivíduo como padrão de medida dos valores espirituais. Esta atitude era um tanto quanto sintomática no que se refere ao movimento individualista que já vinha se manifestando, inclusive em alguns setores monásticos da Igreja Romana, na Europa desde o século XIV. A crença na livre interpretação das Escrituras e a afirmação do sacerdócio universal dos fiéis dignificavam o indivíduo e eram bastante apropriadas a nova mentalidade moderna.

Sobre as causas da Reforma, muito se tem escrito, ao longo da história. Mas em geral admitem-se os seguintes fatores como responsáveis pela formação de um ambiente favorável a chegada dos reformadores: 1. A relutância da Igreja Católica Romana Medieval em acatar as propostas de mudança sugeridas por vários homens lúcidos, místicos (tais como Wycliffe)<sup>41</sup> e secularizados sinceros, líderes dos concílios reformadores e humanistas; 2. O crescimento da classe média, que ficava cada vez mais insatisfeita com a sangria de recursos locais enviados para os cofres de Roma; 3. O fortalecimento dos Estados Nacionais absolutistas, diretamente opostos ao poderio universal do Papado; 4. Cobiça das terras da Igreja Católica por parte dos governantes, da nobreza e da classe média; 5. Insatisfação popular com a forma de vida corrupta, sensual e imoral do clero, e com os chamados *crimes eclesiásticos*, tais como a *simonia*; 6. Tentativa papal de retirar mais recursos da Alemanha no século XVI através do abuso do sistema de venda das indulgências; 7. Um sentimento crescente de individualismo,

---

<sup>41</sup> João Wycliffe (1330 – 1384): Teólogo nascido na Inglaterra, filósofo e tradutor da Bíblia para o inglês. É considerado o fundador da prosa inglesa. Foi padre de várias paróquias, defendia os conceitos agostinianos sobre os Universais. Era completamente oposto ao domínio papal sobre o reino inglês, inclusive o duque de Lancaster o transformou em instrumento seu em sua luta contra a autoridade universal do papa, mas o rei não lhe concedeu apoio e foi condenado por heresia. Para mais informações sobre Wycliffe ver GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*, p. 38-40.

tanto no setor secular como no religioso, completamente antagônico ao conceito corporativista da sociedade medieval; 8. As idéias de liberdade intelectual antropocêntrica e o Secularismo provenientes da Renascença italiana e da filosofia humanista, que gerou um espírito de dúvida e de investigação pessoal das fontes primárias; 9. A percepção, por parte de alguns intelectuais, de discrepâncias entre as atividades da Igreja Romana e os ensinamentos do Novo Testamento; 10. Polêmicas tipicamente teológicas entre o monge dominicano Tetzel e o monge agostiniano Martinho Lutero, representando uma controvérsia maior entre estas duas ordens monásticas.<sup>42</sup>

O movimento de Reforma está intimamente associado com o Renascimento. Calvino é um homem da Renascença.<sup>43</sup> Em 1509, por ocasião de seu nascimento, os humanistas travavam debates acirrados em torno de idéias filosóficas e científicas. Estes procuravam rebuscar os valores da Antigüidade greco-romana, fazendo releituras das obras clássicas, e procurando inspiração para suas produções artísticas nos heróis da Antigüidade e nas figuras do Paganismo. Podemos afirmar categoricamente que Calvino era um genuíno humanista; isso é patente em sua formação, obras e comportamentos.<sup>44</sup>

O Renascimento e o Humanismo parecem ser dois momentos intimamente vinculados de um único movimento que compartilha algumas idéias, tais como a dignificação do homem e o livre desenvolvimento das pesquisas científicas, sem qualquer entrave ou limite impostos por autoridades preexistentes, sejam elas escriturísticas ou institucionais.<sup>45</sup>

O termo “humanista” fora usado na Itália, no século XIV, para se referir à pessoa que se dedicava aos estudos das *Humanidades*, ou seja, as *Artes Liberais*, que

---

<sup>42</sup> Para uma discussão mais completa sobre as causas da Reforma veja: CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995, p. 221-231.

<sup>43</sup> Ver LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 11.

<sup>44</sup> Idem, p. 23.

compreendiam as seguintes disciplinas: poesia, gramática, retórica e filosofia moral. Este termo se distinguia do “jurista”, do “legista”, do “artista”, etc. Posteriormente, o termo se limitou àqueles que se dedicavam às obras clássicas visando estabelecer um novo estilo de vida baseado na liberdade acadêmica e na valorização do ser humano.

Como os demais intelectuais humanistas, Calvino voltou ao pensamento clássico. Sua primeira obra, um comentário do livro de Sêneca *De Clementia*, na qual já demonstra perspicácia literária, profunda erudição e conhecimento das línguas clássicas, era uma prova disso. Este comentário foi, como disse McNeill, “o principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino”<sup>46</sup> e, como bem afirmou Boisset, “um sólido trabalho de um humanista muito jovem e já brilhante”.<sup>47</sup> Inclusive uma cópia desta obra fora enviada ao mais conhecido e renomado humanista da época, Erasmo de Roterdã.<sup>48</sup> Alguns intérpretes, de fato, têm afirmado que os estudos jurídicos de Calvino moldaram seu estilo e fluência literários.<sup>49</sup> Sem dúvida, o Direito, assimilado nas universidades, fez com que Calvino possuísse aquele instrumental descritivo que perpassa em grande medida as suas obras.

Não obstante, ele gradualmente afastou-se do Humanismo de sua época, do modelo dominante, porém não menos influenciado por ele, e rompeu com a necessidade de retornar ao passado pagão como fonte de inspiração para suas produções literárias; pois isto, segundo ele, não condizia com sua fé reformada. Foi nestas circunstâncias que Calvino resolveu retornar aos valores do Judaísmo e do Cristianismo primitivo.

O “Humanismo Cristão” de Calvino se distinguiu do “Humanismo Secular” que posicionava o homem como o centro de todas as coisas. As palavras do filósofo pré-

---

<sup>46</sup> MCNEILL, John T. *The history and character of Calvinism*, p. 104.

<sup>47</sup> BOISSET, Jean. *História do protestantismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971, p. 57.

<sup>48</sup> Erasmo Desidério (1469-1536) nasceu em Roterdã, Holanda, em 26 de outubro de 1466 e morreu em Basiléia, Suíça em 12 de julho de 1536. Atuou como Sacerdote, escritor e Humanista. Foi cognominado o Voltaire Latino. Publicou o Novo Testamento em sua língua original, a língua grega. Foi um dos precursores da Reforma na Igreja, porém não concordou com o método dos reformadores para efetivá-la. Sua maior preocupação de vida foi tornar a Bíblia acessível ao povo.

<sup>49</sup> W. J. VERBURGH, *Calvinism*, p. 104.

socrático grego Protágoras (480-410 a. C) – “O homem é a medida de tudo” – eram tidas como um ideal a ser vivenciado pelos humanistas. Entretanto, o Humanismo de Calvino, baseado na teologia paulina e como reminiscência de uma concepção agostiniana da natureza humana, consistia em dignificar o homem como sendo a principal obra de Deus, a obra coroadora da Criação Divina, e o ser a quem Deus rende todo seu cuidado visando sua redenção. Mas Deus permanecia no centro de toda e qualquer reflexão, de qualquer natureza. Em Calvino, o homem é tido como um ser vazio de qualquer virtude inerente, escravo do mal, possuidor de uma “doença espiritual” chamada *natureza depravada e pecaminosa*; no entanto, é o objeto do amor de Deus e de sua misericordiosa providência. Neste aspecto, Calvino, e outros reformadores, afastaram-se do movimento humanista de seus dias que via o homem como intrinsecamente virtuoso.

Acertadamente, afirmou Francis Schaeffer: “A Reforma foi revolucionária porquanto se apartou tanto do Humanismo católico-romano como do secular”.<sup>50</sup> Embora a Reforma tenha sustentado vários pontos em comum com o Renascimento e o Humanismo, como por exemplo, a concepção de que é necessário uma espécie de retorno as fontes primárias dos autores estudados; é provável que suas diferenças sejam ainda mais amplas. Na Reforma, o ponto de partida não é o homem, o qual recebe dignificação apenas por ter sido feito à “imagem de Deus”. Daí tornar-se inevitável uma *ruptura* no enfoque humanista.<sup>51</sup>

Ao que parece, o Humanismo possibilitou aos reformadores questionar as estruturas tradicionais vigentes, mas que em si mesmo não foi suficiente para fornecer uma proposta de um sistema de vida permanente e profundo que viesse a envolver todos os anseios do homem moderno. O Humanismo foi muito importante ao preparar o

---

<sup>50</sup> SCHAEFFER, Francis A. *A fé de los humanistas*. Madrid: Felire. 1982. p. 10.

ambiente para a Reforma, mas ela seguiu seu próprio rumo posteriormente. Veja o que disse Senarclens sobre a importância do movimento humanista, movimento que favorecia o saber livre e a relativização das autoridades tradicionais:

Do prisma teológico, um dos serviços prestados pelos humanistas do século XVI à causa da verdade foi o de levantar dúvidas quanto à legitimidade dos estereótipos humanos sobre os quais a fé, a igreja e a teologia pensavam poder apoiar-se.<sup>52</sup>

Os reformadores, inclusive Calvino, inclinaram-se em favor de um “Humanismo Cristocêntrico”, embora tenham começado a propagação de suas idéias graças à influência do “Humanismo Secular” predominante no século XVI. As doutrinas dos reformadores<sup>53</sup> foram se configurando, ao mesmo tempo em que influenciavam o processo de mudanças e transições daquela sociedade européia, e eram influenciadas pelo peso inevitavelmente condicionante da conjuntura cultural dos tempos modernos.

Inserida em um contexto imediato de crescente individualismo tipicamente moderno, a Reforma Protestante se apropria ou gera novos valores humanistas. E é no seio desta sociedade caracterizada por contínuas alterações, inovações e rupturas que surge a pessoa de João Calvino. Portanto, não é de admirar que seu pensamento esteja impregnado dos *germes da inovação*. Era Calvino: filho de pais burgueses, criado em uma família de nobres, educado nos princípios religiosos, incentivado desde a infância a buscar a piedade cristã e o relacionamento místico com Deus, formado em universidades tradicionais, doutrinado aos pés de mestres humanistas, acompanhado por príncipes e reis. Ele foi profundamente influenciado por um contexto histórico local e continental caracterizado por mudanças irreversíveis nos setores político, econômico, social, geográfico, intelectual, moral e religioso. Tudo isto contribuiu para moldar a sua percepção acerca dos eventos da vida cotidiana.

<sup>52</sup> SENARCLENS, Jacques. *Herdeiros da reforma*. São Paulo: Ed. ASTE, 1970, p. 103.

<sup>53</sup> Para uma pesquisa mais ampla sobre a Doutrina dos Reformadores veja GEORGE. Timothy. *Teologia*



As Escrituras judaico-cristãs, acima de qualquer outro fator, tiveram profundo impacto sobre suas idéias. Ele era um indivíduo completamente submisso à autoridade bíblica. Assim como Lutero e outros reformadores, Calvino insistiu no *sentido literal* (Método Histórico-Gramatical de Interpretação) da Escritura como a única forma adequada de se fazer Exegese. Ele rejeitou completamente o *Método Alegórico* de interpretação bíblica (método tão usado por Agostinho), que consiste em introduzir múltiplos sentidos nas Escrituras, chamando-o de “artifício Satânico”. Percebe-se aqui uma diferença no método utilizado para a releitura dos textos sagrados. Esta mudança de Hermenêutica<sup>54</sup> necessariamente implicaria em mudança de Exegese; e mudando o cerne da interpretação, conseqüentemente, mudar-se-ia a conduta. Este é um fator importante, que não pode ser subestimado, quando se procura investigar os motivos que levaram os reformadores, principalmente Calvino, a romper com a Igreja Católica.

Os reformadores opuseram-se à autoridade da tradição e da igreja, apenas até onde esta autoridade suprimia e usurpava a autoridade da Bíblia. Calvino não desprezou mil e quinhentos anos de tradição histórica, teológica e filosófica, nem sequer procurou ler a Bíblia isento das influências de tal tradição. Ele não parece ter sustentado o que chamamos *mito da imparcialidade*, nem arrogou para si qualquer originalidade de pensamento. Encontrava no passado, nem tanto clássico, mas judaico, a origem genuína de suas idéias.

Calvino teve uma aprimorada educação na infância e na adolescência. Conhecia e utilizava os mais sofisticados métodos de pesquisa filológica e literária disponíveis em seu tempo. Disponibilizou toda a sua erudição clássica a serviço da interpretação bíblica

---

<sup>54</sup> Para uma leitura detalhada sobre Hermenêutica e polêmicas de natureza interpretativa veja as seguintes obras: RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêuticas*. São Paulo: Imago Editora, 1978; BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1980; HECKMAN, Susan J. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986; PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969; SCHELEIERMACHER, Friedrich.

e da Teologia. E o seu conceito de *Graça Comum*<sup>55</sup> o permitia fazer pleno uso do saber secular; uma vez que toda verdade provém de Deus, não devemos desprezá-la, não importa por quem venha, pensava ele.

A concepção calviniana, com sua ênfase na centralidade da Bíblia, não é uma mera concepção intelectual, mas uma cosmovisão, uma maneira teocêntrica de agir na história, um sistema teológico que empresta sentido à existência. É exatamente aqui que emerge seu conceito social do trabalho: de uma cosmovisão influenciada por aspectos teológicos, que por sua vez derivam de uma massa avassaladora de múltiplos fatores interdependentes acerca dos quais mencionamos apenas alguns que consideramos essenciais.

O impacto das idéias de Calvino na civilização ocidental foi notável. Sobre o aspecto teológico, alguns têm afirmado que Calvino feriu princípios de justiça quando propôs sua doutrina da predestinação. Afirmam que ele era um fatalista,<sup>56</sup> um determinista extremado que excluiu completamente de seu sistema o conceito bíblico de liberdade. Inclusive o freudiano Oskar Pfister sugeriu ser a doutrina da dupla predestinação o resultado de sua personalidade obsessiva-compulsiva.<sup>57</sup> Dizem alguns que Calvino fora um pessimista e que deu origem a uma antropologia negativista. Os católicos, em geral, acusam-no de haver despido o culto cristão de sua estética ritualista ao negar a maioria dos sacramentos. Na economia, ele teria sido um ganancioso por lucros e o criador do sistema de empréstimos a juros. Na política, teria sido ele um déspota autoritário, um tirano em Genebra, um religioso radical e intolerante que queimava dissidentes na fogueira.

---

<sup>55</sup> Graça Comum: termo da teologia cristã que se refere à graça de Deus pela qual Ele concede às pessoas em geral, bons ou maus, inumeráveis bênçãos; estas bênçãos são diferentes das bênçãos outorgadas apenas aqueles que serão salvos. Estas últimas procedem da Graça Salvífica de Deus. Para maiores detalhes sobre esta distinção ver GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 549-558.

<sup>56</sup> Fatalismo: teoria dos que consideram todos os eventos da vida humana como irrevogavelmente fixados por uma causa cega que suprime a liberdade do homem.

<sup>57</sup> PFIISTER, Oskar. MEMBROS DA PSICANÁLISE.

Não obstante, outros eruditos pensam exatamente o contrário. Relembrem que Calvino antecipou os fundamentos do governo republicano; encorajou a ciência da natureza; estimulou avanços na medicina e na astronomia, ao contrário dos líderes religiosos de sua época. De fato, não fosse Calvino provavelmente tardaríamos a assimilar a física newtoniana. Afirmam que foi ele quem reformulou a ética do trabalho para algo mais adequado às exigências do mundo moderno, e sob sua influência se organizou a educação pública, não apenas no grau médio, mas, pela primeira vez, a escola primária pública.<sup>58</sup>

Enfim, Calvino foi uma personalidade odiada e adorada por muitos, como mostram os exemplos acima. Comentários depreciativos ou elogiosos, não importa bem os sentimentos associados a eles, apenas evidenciam a realidade de sua profunda influência sobre as concepções. Não é possível expor, convenientemente, tudo sobre a influência e amplitude de suas idéias em tão limitado espaço. Porém nosso propósito aqui é situar, suficientemente, para compreensões ulteriores, a pessoa de Calvino em seu determinado contexto histórico.

---

<sup>58</sup> Sobre a influência dos reformadores no sistema educacional ver LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento*

## CAPÍTULO II

### NOÇÕES PRELIMINARES: Sistema Teológico, Providência e Predestinação Divina

Neste capítulo, gostaríamos de especificar alguns termos que consideramos essenciais para a compreensão da problemática suscitada por esta pesquisa. É imprescindível esclarecer as seguintes expressões: “sistema teológico”, “doutrina da providência divina”, e “predestinação”. Devido a um retorno contínuo a esta terminologia por todo este trabalho, será bastante útil se, logo de início, estabelecermos os significados básicos que gostaríamos de eliciar no pensamento dos leitores com o uso de tais termos. E, então, nos dedicaremos, ao longo de toda esta pesquisa, a encontrar as relações existentes entre aqueles termos ditos essenciais e o conceito de trabalho na concepção calviniana.

O que, então, queremos dizer com “sistema teológico”, “providência” e “predestinação”? O que pretendemos significar com estes ícones verbais? É verdade que as expressões lingüísticas podem se achar a serviço de vários significados subjetivos possíveis, uma vez que as palavras não possuem nenhum sentido inerente, mas evocam, na maioria das vezes, um significado pessoal ou culturalmente emprestado.<sup>59</sup>

O que cada uma destas palavras significa para aqueles que as recebe? De fato, todos nós compartilhamos definições gerais destas palavras e, portanto, assumimos, muitas vezes precipitadamente, que sabemos a que tipo de experiência a pessoa se refere quando as usa.<sup>60</sup> Não obstante, embora duas pessoas possam estar dialogando sobre o um tipo de experiência, usando as mesmas palavras, elas não necessariamente estão de

---

<sup>59</sup> BANDLER, Leslie Cameron et al. *O método emprint*. São Paulo: Summus, 1992, p. 88.

<sup>60</sup> Ver BANDLER, Richard, GRINDER, John. *A estrutura da magia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e

acordo quanto ao sentido por elas evocado. Isto é uma realidade evidente no processo da comunicação humana. Daí a necessidade de definir, com a máxima precisão possível, o conteúdo semântico das palavras conforme o significado pretendido pelos indivíduos que as usam. Portanto, trataremos de especificar, *a priori*, a terminologia de que faremos uso, deliberadamente contínuo, ao estudar o objeto desta pesquisa.

Após estabelecermos os significados elementares daquelas palavras ditas essenciais, passaremos a um estudo mais amplo sobre como estas mesmas palavras, tão comuns ao nosso vocabulário, constituem “*termos técnicos*” no pensamento do reformador João Calvino, para não cairmos em anacronismos. É necessário entender o que Calvino queria dizer com aquelas expressões e como tais “realidades semânticas” se associavam a realidades tangíveis de sua época. Assim, como Korzybski,<sup>61</sup> Grinder,<sup>62</sup> Whorf,<sup>63</sup> Sapir,<sup>64</sup> Bateson,<sup>65</sup> Chomsky<sup>66</sup> e outros eruditos descreveram, não há maneira precisa de dissociar a linguagem de uma cultura dos mundos perceptuais vivenciados pelos membros dessa cultura. Então, passemos agora a definição do primeiro termo.

Sem dúvida, o conceito calviniano de trabalho, que constitui o objeto desta pesquisa, mantém uma estreita *relação de dependência* com seu “sistema teológico”. Qualquer definição de tal conceito precisa ser depreendida a partir da lógica interna de tal sistema. Portanto, se faz necessário especificar primeiramente o que significa, nesta investigação, a expressão “sistema teológico”. Com esta expressão, entendemos um conjunto de princípios coordenados entre si de maneira a compor um todo; um corpo de

---

<sup>61</sup> Ver KORZYBSKI, Alfred. *Science and sanity*. Lakeville, Connecticut: The International Non-Aristotelian Library Publishing Company, 1933.

<sup>62</sup> Ver GRINDER, John, ELGIN, S. *A guide to transformational grammar*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.

<sup>63</sup> Ver Whorf apud BANDLER, Leslie Cameron et al. *O método empreint*, p. 88.

<sup>64</sup> Ver SAPIR, Edward. *Language and personality*, 1963.

<sup>65</sup> Ver BATESON, Gregory. *Steps to ecology of mind*. Nova York: Balantine Books, 1972.

<sup>66</sup> Ver CHOMSKY, Noam. *Essays on the theory of language*. Nova York: Harper & Row, 1965.

doutrinas combinadas, visando o mesmo resultado, capaz de reger toda a conduta dos seus adeptos. Consiste numa unidade de formas diversas sob uma só idéia.

A teologia calviniana, de fato, não consiste em múltiplas idéias religiosas, tidas como verdades, isoladas dos outros aspectos da vida terrena. Trata-se de uma *consciência religiosa* específica capaz de envolver ao redor de si, como um todo unívoco ou um compacto monolítico, crenças, valores, ciência, arte, espiritualidade, estilo de vida, atitudes políticas, sociais, econômicas, eclesiásticas e regras de conduta moral - uma forma de enxergar o mundo em sua plenitude, ou seja, tudo o que pode estar implícito no termo *cosmovisão*.

A teologia calviniana é um sistema, assim como são o Catolicismo, o Islamismo e o Paganismo.<sup>67</sup> Estes são grandes complexos da vida humana, *lentes* através das quais distinguimos “quatro mundos perceptuais” diferentes em um mesmo mundo coletivo.<sup>68</sup> As idéias de João Calvino não eram apenas um fundamento religioso para a formação de uma nova instituição eclesiástica; eram um *método diferente para a existência*.<sup>69</sup>

Tanto no Paganismo, como no Islamismo e no Romanismo, encontra-se o poder de uma convicção orgânica de vida dominada por um *princípio*. Ao que parece, apenas o Protestantismo, em geral, não atingiu esta dimensão. Mas, identificando-se com o Protestantismo, podemos afirmar que o pensamento calviniano se mantém singularmente alinhado com aqueles outros três complexos da vida humana, no sentido de que, juntamente com eles, constitui um sistema todo abrangente de percepções. Conforme Abraham Kuyper, todo sistema conexo de vida precisa preencher pelo menos

---

<sup>67</sup> Paganismo: Termo especificamente cristão que envolve toda forma expressa de religião em que se adora uma diversidade de deuses, forças sobrenaturais, elementos da natureza ou até mesmo a essência humana; ou seja, que não admita a crença em um Deus único, pessoal e distinto da natureza.

<sup>68</sup> Ver KUYPER, Abraham. *Calvinismo*, p. 20 – 27.

<sup>69</sup> *Idem* p. 26.

três condições básicas: 1) Relacionamento humano com o Sagrado; 2) Relacionamento humano com o homem; e 3) Relacionamento humano com o mundo.<sup>70</sup>

A primeira exigência dos grandes *sistemas de vida* trata da relação entre o *humano* e o *transcendente*. Quase ninguém, atualmente, nega a importância deste componente como um fator norteador da existência humana, seja qual for o significado que se empreste ao termo *transcendente*. O Paganismo, em geral, adora Deus *na criatura*. Quer se trate do Animismo ou do Budismo, não se concebe Deus além e acima da criatura, mas intimamente associado a ela. O Islamismo, por outro lado, devido a sua proposta radicalmente antipagã, tende a interromper quase todo contato entre Deus e a criatura, superenfatizando a transcendência de Deus. O Catolicismo, semelhantemente, tende a interpolar entre criatura e Deus uma vasta hierarquia de santos e intercessores, uma gradação de clérigos e um *cabeça visível* – o Papa. A cosmovisão calviniana, por sua vez, não busca Deus na criação, não o isola de suas criaturas, nem postula hierarquia intermediária alguma entre Deus e o homem. Sustenta que Deus mantém comunhão direta com os homens, os provê, e determina cada evento de suas vidas. Todas estas concepções deram origem a modos de vida distintos.

Quanto à segunda exigência, o Paganismo tende a perceber diferenças entre os indivíduos, já que Deus habita nas criaturas. Somente aqueles que alimentam “o que é elevado entre os homens” são dignos de serem considerados como semideuses, heróis, etc. Foi, em parte, a partir desta concepção que surgiu o sistema de castas na Índia e no Egito, por exemplo.<sup>71</sup> Aqui, as relações entre os homens são diferenciadas. No Islamismo e no Catolicismo há também, se bem que por motivos bem distintos, uma tendência a relações hierárquicas entre os indivíduos. Na cosmovisão calviniana, todavia, a humanidade é posta em pé de igualdade e ninguém deve reivindicar qualquer

---

<sup>70</sup> Ver KUYPER. Abraham. *Calvinismo*, p. 28.

<sup>71</sup> *Idem*, p. 35.

superioridade sobre o outro. Todas estas concepções apreendem as relações sociais de uma forma peculiar e, teoricamente, coerente com suas propostas.

Com respeito à terceira condição, a relação com a ordem mundana da vida, o Paganismo tende a pôr bastante *estima* no mundo, às vezes com temor do desconhecido, às vezes com veneração. O Islamismo, ao contrário, tende a pôr uma estima muito baixa no mundo. E o catolicismo medieval o via, em geral, como fora da esfera de atuação da Igreja; portanto, mal. O esquema calviniano, ao contrário, percebe a ordem secular como reflexo da vontade insondável e soberana de Deus.

Estas quatro percepções, sem dúvida, deram origem a quatro tipos de “leituras do cosmo”, quatro formas distintas de agir *no mundo*. É, portanto, neste sentido que afirmamos ser o pensamento calviniano um *sistema* – conjunto interligado de crenças e valores que oferecem e determinam uma forma de viver e se relacionar com o sagrado e o profano, como convivendo dentro de uma única esfera da existência. Portanto, toda vez que mencionarmos o termo “sistema teológico” é a esta *realidade condicionante* que estamos nos referindo.

Em segundo lugar, a doutrina da *providência divina* ocupa uma posição proeminente no pensamento social de João Calvino e merece um estudo mais amplo sobre seu significado e suas implicações teóricas.<sup>72</sup> É fundamental no esquema doutrinário de Calvino a idéia de que Deus sustenta o mundo. Deus é o Senhor da história e o condutor de todas as suas particularidades. Todo o pensamento calviniano ergue-se sobre essa plataforma teológica – a idéia da absoluta e soberana ação de Deus no mundo. Nada se encontra fora da sua ação dominadora. Portanto, é imprescindível compreendê-la antes de prosseguirmos.

Wayne Grudem definiu providência divina da seguinte forma:

---

<sup>72</sup> Ve BIÉLIER, André. O pensamento econômico e social de Calvino, p. 202-211.



Deus está continuamente envolvido em todas as coisas criadas de forma tal que (1) as preserva como elementos existentes, que conservam as propriedades com que Ele os criou; (2) coopera com as coisas criadas em cada ato, dirigindo as suas propriedades características a fim de fazê-las agir como agem; e (3) as orienta no cumprimento dos Seus propósitos.<sup>73</sup>

Conforme Calvino, tudo o que contribui para o nosso sustento terreno procede da graça de Deus. Por mais que o homem queira atribuir valor independente a seu próprio trabalho, para a Teologia Reformada de Calvino, qualquer esforço e atividade do homem que não reconhece a providência divina são supérfluos. Para ele, até mesmo o pão que compramos com nosso dinheiro, fruto do nosso trabalho, é uma dádiva de Deus. Ora, quando se entende que Deus é o Onipotente Criador, parece sensato concluir que ele também governa e preserva o universo por ele criado.<sup>74</sup> Mas, Calvino estendeu o conceito de *providência* até às coisas materiais mais comuns e corriqueiras. Ele certa vez afirmou: “Digo mesmo que as eventuações particulares são atestações em geral da singular providência de Deus”.<sup>75</sup> Não há lugar aqui para o acaso nem para a auto-suficiência humana; Deus é o provedor de todos os bens materiais. Daí ser necessário reconhecer a participação de Deus na vida econômica. Ele afirmou:

Ainda que Cristo não multiplique os pães todos os dias e não alimente os homens sem o trabalho de suas mãos, nem sem o labor dos campos, o fruto, contudo, desta história se estende até nós. Não se deve senão a nosso desleixo e ingratidão que não percebemos manifestamente como Deus, por Sua bênção, multiplica o trigo a fim de que possa servir a nosso sustento.<sup>76</sup>

<sup>73</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 247.

<sup>74</sup> Ao que parece somente a filosofia Deísta aceita a idéia de um Deus Criador, porém não mantenedor. Esta concepção, devido sua ênfase na idéia da transcendência divina, nega Sua Imanência, ou seja, a contínua interação de Deus na humanidade. Deus é tido como aquele que pôs o mecanismo do universo para funcionar e depois deixou tal universo funcionando por suas próprias engrenagens e leis fixas. Atualmente, os adeptos da chamada Evolução Deísta sustentam este ponto de vista. Para uma leitura mais aprofundada sobre as correntes de pensamento Deísta e Teísta veja GRUDEM, Wayne. Op. Cit., p. 202-206.

<sup>75</sup> CALVINO, João apud BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 309.

<sup>76</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, Mt. 14:20.

Podemos resumir a noção calviniana da *providência* em três modos da ação divina: preservação<sup>77</sup>, cooperação<sup>78</sup> e governo.<sup>79</sup> É interessante como Calvino percebia a providência de Deus na história de forma absoluta. Segundo ele, até mesmo o mal se encontra inserido nos propósitos de Deus. Não que ele seja responsável pela origem da maldade, mas que de alguma forma a utiliza para o cumprimento de seus planos insondáveis. Disse Calvino: “Ladrões, assassinos e outros malfeitores são os instrumentos da providência divina, e o próprio Senhor os usa para executar os juízos que Ele determinou consigo. Porém, nego que possamos deduzir disso qualquer desculpa para seus atos maus”.<sup>80</sup> Enfim, a expressão *providência divina*, em Calvino, equivale à forma própria de Deus agir na realidade dos homens, *preservando* a criação, *controlando* cooperativamente cada evento conforme seu plano e *administrando* todos os aspectos da vida humana segundo seu beneplácito.

Aqui inclui, mesmo pela necessidade de manter a lógica interna do seu sistema, uma outra doutrina essencial ao esquema calviniano – a *doutrina da predestinação*. Esta doutrina emerge de sua posição sobre a inequívoca e absoluta soberania de Deus em relação ao destino dos homens. Para Calvino, Deus determina por seu próprio conselho o destino de todo o universo criado. Todos os homens encontram-se destinados a agir como Deus designou em seus conselhos eternos. Desde tempos imemoráveis os decretos divinos sobre o destino e a sorte dos homens já foram lançados de forma irreversível. De forma que alguns homens já estão fixados para salvação eterna e outros, para a eterna danação.

<sup>77</sup> Calvino se baseou em passagens da Bíblia tais como Hb. 1:3 e Ne. 9:6 para desenvolver seu conceito de Preservação.

<sup>78</sup> Ver Ef. 1:11; Sl. 148:8; Sl. 104:14; Jó 38:12; Mt. 6:26 e Mt. 10:29.

<sup>79</sup> Ver 1 Cor. 15:27; Dn. 4:35 e Sl. 103:19.

<sup>80</sup> CALVINO, João apud GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática

} dispensável!

Tal doutrina tem sido motivo de preocupação e aborrecimento para muitos devido a sua aparente negação do livre-arbítrio humano.<sup>81</sup> A doutrina parece, aos olhos de alguns, descaracterizar o Deus longânimo, amoroso e justo para com todos, anunciado no Novo Testamento por Jesus e seus discípulos<sup>82</sup>, apresentando-o como um juiz arbitrário que de antemão definiu o destino eterno de suas criaturas, sem levar em consideração suas livres ações. Mas a coisa não é tão simples assim. De fato, esta doutrina gerou intensos debates em toda a história. E mesmo que seu nome esteja, em geral, associado a ela, Calvino não foi seu inventor nem sequer o primeiro a ensiná-la.<sup>83</sup> Ele não a pôs, apesar de sua importância, como fundamento central em seus ensinamentos.<sup>84</sup>

O que nos interessa aqui é uma definição do conceito de predestinação conforme Calvino. A polêmica oriunda da *aceitação* ou *rejeição* de tal idéia na história, e o conseqüente debate contemporâneo entre a “teologia decretatória calviniana” e o “Arminianismo”<sup>85</sup>, é bastante longa e envolve considerações estritamente teológicas que nos fariam tergiversar do objeto de nossa pesquisa. Portanto, vejamos como o próprio Calvino concebeu o conceito de predestinação. Que sentido ele atribuiu a tal termo?

Chamamos predestinação ao eterno decreto de Deus pelo qual Ele determinou consigo mesmo aquilo que Ele quis que ocorresse a cada homem. Porque não fomos criados em condições iguais; certamente, a vida eterna é preordenada para alguns, e a perdição eterna para outros. Portanto, como todos foram criados para um ou outro destes fins, falamos deles como predestinados para a vida ou para a morte.<sup>86</sup>

<sup>81</sup> Para uma discussão mais ampla sobre a polêmica Livre-arbítrio e Predestinação ver as seguintes obras: GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*, p. 247-279; AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

<sup>82</sup> Veja na Bíblia algumas passagens que parecem desautorizar a doutrina da predestinação calviniana: 1 Tm. 2:4; 2 Pd. 3:9; Dt. 30:9 e Ap. 22:17. Há também textos que parecem autorizá-la: Rm. 8: 28-30; Ef. 1: 4, 5, 11 e Jo. 6: 44.

<sup>83</sup> KLOOSTER, Fred H. *A doutrina da predestinação em Calvino*, p. 11.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Arminianismo: Esquema doutrinário, desenvolvido pelo teólogo holandês Jacob Armínio (1560-1609), que nega, devido a ênfase sobre a escolha livre dos homens, qualquer eleição decretatória de Deus sobre o destino eterno de suas criaturas. Segundo esta concepção, o resultado eterno será decidido pelo livre-arbítrio do homem, não por um livre decreto da parte de Deus, ou seja, não é Deus quem escolhe quem será salvo ou condenado, mas o homem, que tem o direito de escolher nesta vida a sua sorte final. Esta concepção, em geral, entende o termo bíblico *Predestinação* como sinônimo de *Presciência* – Deus antevê as decisões humanas, porém não as determina.

<sup>86</sup> CALVINO, J. *Institutas da Teologia*, I, 22, 1.

Disse ainda o reformador:

Como a Escritura, então, mostra claramente, dizendo que Deus, uma vez, estabeleceu, mediante seu plano eterno e imutável, aqueles a quem, de antemão, determinou, de uma vez por todas, receber para a salvação, e aqueles a quem, por outro lado, destinou ao aniquilamento. Afirmamos que, com respeito aos eleitos, este plano funda-se na graça de Deus, livremente oferecida, sem levar em conta o mérito humano; mas, por seu justo, irrepreensível, porém, incompreensível juízo, Ele fechou a porta da vida àqueles a quem abandonou à perdição.<sup>87</sup>

Nestes dois textos encontra-se quase tudo que Calvino escreveu sobre a predestinação. Aqui fica claro que ele sustentava a idéia da *dupla predestinação*, ou seja, a *eleição* e a *reprovação*.

Bem, já especificamos os termos “sistema teológico”, “providência” e “predestinação”, termos que consideramos essenciais neste trabalho. Agora, precisamos entender de que forma estes conceitos se relacionam com o objeto de nossa pesquisa. Ou seja, como eles emprestam um significado peculiar ao conceito calviniano do trabalho.

Ora, é evidente que ao associar o conceito social do trabalho com estas designações, Calvino atribuiu ao trabalho humano um significado essencialmente religioso. Ao inseri-lo em seu *sistema teológico*, ou dele retirando, Calvino, sem dúvida, revestiu o conceito de trabalho de uma roupagem espiritual. Não obstante, a concepção monástica do trabalho também o associava a elementos essencialmente religiosos. Portanto, a singularidade do conceito calviniano do trabalho emana, não tanto do fato de estar vinculado a uma dimensão metafísica da experiência, o que também era compartilhado pelo Catolicismo medieval, mas pelo tipo específico desta associação teológica.

lingua-  
gem  
corrente

Calvino, em linhas gerais, vê o trabalho como espiritualmente bom e necessário. Há uma associação positiva<sup>88</sup> – o trabalho é considerado uma bênção divina. A concepção medieval prevalecente, por outro lado, vê o trabalho como uma necessidade terrena sem qualquer valor ético-moral positivo; trata-se de uma maldição que repousa sobre todo homem desde a queda de nossos primeiros pais, uma realidade espiritualmente negativa. Há uma diferença de enfoque em ambas as concepções teológicas.

Para Calvino, o trabalho constitui o meio através do qual Deus sustenta a comunidade dos homens – aqui há uma associação com a doutrina da providência divina. Esta associação dignifica o conceito de trabalho de uma forma bastante elevada. O homem, segundo Calvino, fora feito para o trabalho; esta é sua primeira vocação. Ele foi predestinado por Deus para cumprir as obras, das quais a primeira delas é o trabalho secular, que Deus de antemão preparou para que andasse nelas.<sup>89</sup> Ao trabalhar, segundo Calvino, o homem está imitando a atividade divina – nada exalta e dignifica tanto o conceito de trabalho como este conjunto de associações presentes no esquema teológico calviniano. Nos capítulos seguintes trataremos com mais profundidade estas atribuições teológicas vinculadas ao conceito de trabalho.

---

<sup>88</sup> Demonstrar-se-á, no decorrer desta pesquisa, a construção teórica de tal dignificação associada ao trabalho mundano no âmbito da teologia calviniana.

<sup>89</sup> *ibid.*, p. 100.

## CAPÍTULO III

### O SENTIDO DO TRABALHO HUMANO: Em Calvino e na Tradição Medieval

Vamos, agora, especificar o que queremos dizer com o termo *trabalho*, a fim de evitar possíveis confusões conceituais.

Etimologicamente, a palavra “trabalho” vem do latim vulgar *Tripalium*, cujo significado literal é “três paus”. Inicialmente, referia-se a um *tripé* de madeira usado para manter a pata do cavalo que estava sendo ferrada;<sup>90</sup> posteriormente, passou a ser uma referência a um antigo instrumento de tortura de prisioneiros.<sup>91</sup> Daí o termo “trabalho” adquirir, na Idade Média, o sentido predominante de *instrumento de suplício*. Era predominante esta idéia degradante associada ao trabalho humano, tanto na Antiguidade como no mundo medieval.<sup>92</sup>

Na Idade Média, as palavras européias para *trabalho* – por exemplo, o latim e o inglês (*labor*), o grego (*ponos*), o francês (*travail*)<sup>93</sup> e o alemão (*arbeit*) – significavam *dor* e *esforço* e eram usadas em geral para se referir às dores do parto.<sup>94</sup> A palavra *labor* provém da mesma raiz que deu origem à expressão “cambalejar” sob o peso de uma carga. *Ponos* e *arbeit* são da mesma família etimológica da palavra *pobreza*.

Havia, em geral, uma desvalorização do trabalho, no sentido manual. Isto era uma reminiscência da idéia grega antiga que considerava a “arte mecânica” (*Βαναυσια*) como algo degradante e até mesmo inferior ao ócio (*σχολη*), à vida contemplativa.<sup>95</sup>

<sup>90</sup> LAUTIER, Bruno. *Trabalho ou labor? Dimensões históricas e culturais*, in *Trabalho e cidadania*, Revista Ser Social, n. 5, p. 10, Jul. / Dez., 1999.

<sup>91</sup> HACK, Osvaldo Henrique et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 30.

<sup>92</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>93</sup> LAUTIER, Bruno. *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>94</sup> Ver ARENDT, Hannah. *A condição humana*, p. 58.

<sup>95</sup> LEMBO, Silvio. *Op. Cit.*, p. 10.

Na Antiguidade, a palavra *trabalho* era tida, muitas vezes como sinônimo de *servilidade*. Talvez só Hesíodo (*Teogonia*, p. 226) atribuiu um sentido razoavelmente positivo a esta palavra. Mas, parece que Hesíodo fazia uma distinção mui sutil entre *Trabalho* e *Labor* (em grego: Ergon e Ponos): o primeiro, segundo ele, provém de Eris, a deusa da emulação, e o segundo, como todos os demais males da humanidade, provém da caixa de Pandora e consiste na punição de Zeus sobre os seres humanos devido à traição de Prometeu, o titã rebelde que roubou o fogo dos deuses e o deu aos homens.

Sob a perspectiva cristã medieval, o trabalho não passava de um “dever terreno” com pouca relação com a esfera espiritual, um aspecto isolado do viver. O católico medieval vivia eticamente, mas suas atividades não eram racionalizadas, ou seja, não passava de uma sucessão de ações independentes. Suas ações não constituíam um sistema de vida conexo.<sup>96</sup> Calvino, no entanto, enfatizou a estreita relação do trabalho humano com a obra divina de uma forma singular, conferindo assim ao labor humano dignidade e valor espirituais nunca antes visto, nem na Escolástica, nem na Antigüidade.

De fato, a Escolástica contribuiu para um certo distanciamento entre as atividades profissionais e espirituais, com sua ênfase na *contemplação* sobre a *ação*.<sup>97</sup> Sob a perspectiva de Tomás de Aquino, o trabalho era, no máximo, visto como “eticamente neutro”.<sup>98</sup>

De acordo com a obra *O Pensamento de João Calvino*, o trabalho na Idade Média era controlado por uma demarcação fundada em critérios de importância social: eclesiásticos, guerreiros e lavradores (*oratores, bellatores, laboratores*). De forma que os primeiros, em suas vidas ociosas de “abstrações teológicas”, possuíam primazia,

<sup>96</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 87.

<sup>97</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 539.

<sup>98</sup> WEBER, Max. *O capitalismo*, p. 539.

ocupando posições proeminentes na sociedade.<sup>99</sup> Da mesma forma, como disse Bruno Lautier, a “verdadeira produção”, na antiga *Pólis* grega, consistia na *Política*, ou seja, na “ocupação dos homens livres, aqueles que têm distração”.<sup>100</sup>

Convém ressaltar que a tendência a uma *desvalorização do trabalho* na Idade Média não constituía uma regra geral. Havia, de fato, uma certa ambivalência com relação à valorização do trabalho, a qual achava-se em íntima ligação com as conjunturas econômico-sociais e ideológicas das diversas épocas; como por exemplo, o Renascimento Carolíngio que pôs especial relevo à valorização do trabalho agrícola, gerando assim uma verdadeira *ideologia do esforço*.<sup>101</sup>

Apropriadamente, Jacques Le Goff afirmou que “as diversas tradições mentais legadas aos homens da Alta Idade Média oscilam entre o desprezo e a valorização do trabalho”.<sup>102</sup> No entanto, até mesmo a *valorização do trabalho* aqui mencionada é distinta daquela que emergirá do pensamento calviniano e será posteriormente empreendida pelos protestantes. Esta valorização se esgota no plano sócio-econômico; aquela, porém, se vincula ao plano moral e teológico.

O trabalho realizado pelos monges medievais, que apesar de também está vinculado a aspectos teológicos e ser considerado de “valor” (a total ociosidade era por eles considerada inimiga da alma – porta aberta para as tentações de satanás), estava impregnado, sobretudo de um sentido um tanto quanto pejorativo. Como afirmou Jacques Le Goff:

Este trabalho monástico tem, sobretudo, aspecto penitencial. É porque o trabalho manual se liga a Queda, à maldição divina e à penitência, que os monges, penitentes profissionais, penitentes por vocação, penitentes por excelência, devem dar este exemplo de mortificação.<sup>103</sup>

<sup>99</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 31.

<sup>100</sup> LAUTIER, Bruno. *Trabalho ou labor? Dimensões históricas e culturais*, in *Trabalho e cidadania*, Revista Ser Social, n. 5, p. 11, Jul. / Dez., 1999.

<sup>101</sup> Para maiores detalhes ver LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito da Idade Média*, p. 102-104.

<sup>102</sup> Idem, p. 103.

<sup>103</sup> Idem, p. 110.



E, segundo Henri Pirenne, a Igreja Católica entendia que “a finalidade do trabalho não é enriquecer, mas conservar-se na condição em que cada um nasceu até que, desta vida mortal, passe à vida eterna. A renúncia do monge é o ideal a que toda a sociedade deve aspirar. A pobreza é de origem divina e de ordem providencial”.<sup>104</sup>

Todavia, para Calvino, o trabalho é numa bênção divina; não se admite absolutamente nada de pejorativo associado a ele. Pelo contrário, ele é moralmente eminente e eticamente bom. Para o reformador, o cumprimento das atividades seculares através do trabalho consistia na vontade mesma de Deus, Seu propósito benigno para a vida humana. Portanto, é o trabalho que confere sentido à existência. É a primeira e uma das mais honrosas dádivas divinas dadas ao homem – um dom do céu por excelência.

Isto, de fato, confere um outro sentido ao “trabalho” humano. Aqui percebemos uma ruptura conceitual com a concepção sustentada tradicionalmente. Calvino propõe uma acepção do termo *trabalho* completamente distinta daquela que era apresentada em sua época, quer o trabalho fosse interpretado como uma mera necessidade econômica, como um meio para ocupar a mente a fim de fugir das tentações, ou como um dever cristão imposto como resultado da Queda da raça humana.

Calvino foi, um tanto quanto inovador, neste caso específico. Seu tempo era, inegavelmente, uma época de transformações<sup>105</sup>, tanto no plano econômico como no plano religioso, e ele, juntamente com outros reformadores, entregou-se a uma espécie de “releitura” do conceito social do trabalho, pelo menos em parte, à luz destas contínuas transformações. E, a partir dele novas associações e significados acerca desta realidade socioeconômica foram feitos ao longo da história.

É evidente, como ressaltou Christian Lalive d'Épinay, que “o trabalho nunca cessou de ser definido e investido de significações positivas e negativas, no

<sup>104</sup> PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 19.

<sup>105</sup> Para uma abordagem mais ampla acerca da personalidade de Calvino e o contexto histórico de transformações em que viveu veja o capítulo I da presente pesquisa.

aprimoramento das práticas sociais”.<sup>106</sup> Por exemplo, para Karl Marx, o trabalho, e não Deus, criou o homem. Ele acreditava que o trabalho, e não a razão, distinguia os homens dos outros animais (Se bem que foi Hume o primeiro a insistir nesta idéia). Marx sempre ressaltou que a função primordial do trabalho era a “produção da vida”; e, por isso, o concebia no mesmo nível de importância da procriação.<sup>107</sup> Aristóteles, por outro lado, o via como sinônimo de servidão, portanto degradante.

Max Weber, analisando a situação econômica de seus dias, percebe, baseado nas pesquisas de Baden, que a maioria dos grandes empresários, bem como dos profissionais cuja especialização é mais destacável, são protestantes.<sup>108</sup> Weber procura explicar tal circunstância recorrendo, inicialmente, à diferenças na educação. Os católicos, conforme ele, preferem os estudos oferecidos pelos ginásios humanísticos, enquanto que os protestantes procuram o ensino especializado e ocupações comerciais e industriais.<sup>109</sup> No entanto, logo em seguida, Weber constrói toda uma teoria afirmando que é no conceito calviniano de Trabalho que se encontram os *germes* desta diferença.

O conceito de trabalho, longe de ter uma trajetória linear, homogênea ou estática, consiste numa “realidade” dinâmica que vem sendo construída, des-construída e re-construída historicamente até a contemporaneidade. Como, por exemplo, bem afirmou Bruno Lautier, “até o início do século XIX, a idéia de que vendemos nosso trabalho como uma mercadoria fazia pouco sentido”.<sup>110</sup> Nesta trajetória, tal conceito tem se apresentado como um elemento mui complexo e multifacetado, que reúne em torno de si uma constelação de fatores limítrofes e de diversas ordens e natureza, o qual se

<sup>106</sup> D'ÉPINAY, Christian Lalive. *Traité de sociologie do travail*. Bruxelles: De Bocchi Université, 1994. p. 55-64.

<sup>107</sup> MARX, Karl apud ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 99.

<sup>108</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 35.

<sup>109</sup> Idem, p. 37.

<sup>110</sup> LAUTIER, Bruno. *Trabalho ou labor? Dimensões históricas e culturais*, in *Trabalho e cidadania*, *Revista Ser Social*, n. 5, p. 12.

distribui semanticamente do irracional e selvagem, passando pelo antropológico, até atingir altas categorias de natureza teológica ou metafísica.<sup>111</sup>

Assim, embora reconheçamos que tal trajetória histórico-conceitual mereça uma exposição minuciosa, os limites deste trabalho e sua proposta delimitação não nos permitem, por assim dizer, uma reflexão mais exaustiva sobre este tópico.<sup>112</sup> Entretanto, apenas para os propósitos desta pesquisa, assumiremos a seguinte definição do termo “trabalho”: Trabalho é um processo de que participa tanto o homem quanto a natureza, processo este em que o humano com sua própria ação impulsiona e controla sua interação com a natureza. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos provenientes da natureza, dando-lhes aspecto de utilidade à existência da comunidade humana.

Aqui o termo trabalho envolve, pelo menos, os seguintes elementos: 1. Uma finalidade definida previamente, um *fim* a que se propõe qualquer atividade humana; 2. Uso de “energia” e esforço destinados a contrapor a resistência fornecida pelo *objeto* que se quer intencionalmente transformar; 3. O processo de transformação em si; 4. A idéia implícita de que o *objeto* a ser modificado é, de alguma forma, *aperfeiçoável* por meio de tal “energia”; 5. A existência dos *meios* através dos quais se efetua tal transformação, ou seja, o *instrumental de trabalho*. Tendo em mente o sentido moral e valorativo atribuído ao trabalho no esquema teológico do reformador genebrino, e sua evidente contraposição ao sentido pejorativo tradicionalmente divulgado, nos dedicaremos, a seguir, a um estudo mais completo acerca da *valorização do trabalho humano* na concepção de Calvino.

---

<sup>111</sup> Para uma abordagem mais ampla sobre a evolução histórica do conceito social do trabalho na Idade Média veja LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

<sup>112</sup> Para uma abordagem mais aprofundada acerca da trajetória do conceito do trabalho, seus significados e valores, da sociedade industrial a nossos dias, veja D'ÉPINAY, Christian Lalive. *Traité de sociologie do travail* p. 55-64

## CAPÍTULO IV

### TRABALHO COMO VOCAÇÃO: Fomos feitos para trabalhar

Professor: Qual o principal objetivo da vida humana?

Estudante: É conhecer a Deus.

Professor: Por que você diz isso?

Estudante: Porque Ele nos criou e nos colocou na terra para ser glorificado em nós. E, certamente, é correto que dediquemos nossa vida à sua Glória, já que Ele é o princípio dela.

*Catecismo de Genebra, 1541.<sup>113</sup>*

Em nossa tentativa de reconstruir o conceito calviniano do trabalho nos deparamos com algumas dificuldades teóricas. A principal delas, pelo menos em parte, de natureza lingüística, reside na terminologia, caracteristicamente teológica, usada por João Calvino, como foi demonstrado no capítulo anterior. Um outro termo essencial bem presente no esquema doutrinário dos reformadores é o de “vocação”. Calvino concebia *o trabalho como vocação*. Portanto, parece evidente que o significado que ele atribuiu a tal palavra *qual?* precisa ser esclarecido, e muitos já o tentaram, antes de haver qualquer posicionamento conceitual sobre sua noção de trabalho. Não obstante, ao longo dos anos, este esclarecimento não tem sido unânime para todos os leitores de suas obras. Começamos então pelo conceito de vocação, lembrando as palavras de Rubem Alves:

O sentido do conceito pode ser esclarecido por meio de um simples artifício heurístico: tome o conceito e explore idealmente suas conseqüências até os limites externos. Por este meio, torna-se possível trazer à luz implicações ocultas que teriam ficado numa espécie de adormecimento, se deixadas inexploradas.<sup>114</sup>

<sup>113</sup> Citado em GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*, p. 163.

<sup>114</sup> ALVES, Rubem. *O sonho das arminhas*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 101.

Não há dúvida, como bem afirmou Weber, que a palavra alemã *Beruf*, traduzida para o nosso idioma como “vocação”, está impregnada de um sentido religioso. A palavra, atualmente, possui a conotação de uma “atividade confiada por Deus”.<sup>115</sup> Max Weber faz uma observação muito interessante quando diz:

E se traçarmos a história da palavra <sup>nos ?</sup> dos idiomas civilizados, aparecerá que nem os povos predominantemente católicos nem os da Antigüidade Clássica possuíam qualquer expressão que tivesse tal conotação, do que hoje chamamos de “Vocação”, (no sentido de uma tarefa de vida, de um campo definido no qual trabalhar), enquanto ela existiu para todos os povos predominantemente protestantes.<sup>116</sup>

Esta observação afirma que o termo “vocação” é oriundo do seio do Protestantismo. De fato, foi a partir do século XVI que tal palavra (*Beruf*), em seu sentido tipicamente protestante, se firmou na literatura secular. “Assim como o significado da palavra, a idéia é nova e é produto da Reforma”.<sup>117</sup> Portanto, é ali que devemos buscar o seu real significado.

Martinho Lutero, em sua tradução da Bíblia para o alemão, parece ter sido o primeiro a usá-la no sentido moderno que tal palavra evoca.<sup>118</sup> Ele empregou a palavra *Beruf* para fazer referência ao trabalho, em lugar de *Arbeit*, e as traduções posteriores, inglesas e francesas, seguiram o exemplo de Lutero.<sup>119</sup> E, com a contínua vulgarização do texto bíblico, então traduzido para o vernáculo, os povos protestantes gradualmente assimilaram esta nova terminologia. O termo quando aplicado ao trabalho empresta uma certa valorização positiva às realizações cotidianas. Mas isso já estava relativamente presente tanto no período medieval como na Antigüidade.<sup>120</sup> O “elemento novo e original”, e porque não dizer protestante, em tal palavra era o entendimento de que o “cumprimento do dever” na realização do “trabalho secular” consistia numa das mais

<sup>115</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 64.

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Idem.

<sup>119</sup> LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 31.

<sup>120</sup> Ver o capítulo 2 deste livro.

exaltadas expressões de espiritualidade.<sup>121</sup> Esta noção, sem dúvida, emprestou o sentido religioso à palavra “vocação”, sentido este tão familiar nos dias de hoje. E não só à palavra, mas ao conteúdo semântico a ela relacionado, ou seja, às atividades do cotidiano.

Convém acrescentar que Lutero não desenvolveu seu conceito de “vocação” imediatamente. A princípio ele posicionou-se de forma quase idêntica ao pensamento tradicional, representado principalmente por Tomás de Aquino. Inicialmente, Lutero via o trabalho secular como “coisa da carne”, embora não pecaminoso. Admitia que o trabalho era uma necessidade, até mesmo para uma boa espiritualidade, mas não concebia qualquer significado ético associado a ele. Era algo neutro, como comer e beber.<sup>122</sup> Semelhantemente, Tomás de Aquino, mesmo acreditando que a *providência divina* estabelecera a divisão dos homens em grupos ocupacionais dentro do todo social, atribuía a *causas naturais* o fato de um indivíduo isolado adotar uma espécie de vocação pessoal.<sup>123</sup>

Com o passar dos anos, o pensamento de Lutero foi se desenvolvendo sempre no sentido de pôr mais ênfase espiritual à palavra “vocação”. Não obstante, seu conceito de vocação ainda permanecera essencialmente tradicionalista, apesar de algumas variantes significativas.<sup>124</sup> Tanto no Luteranismo como no Catolicismo ainda havia uma marcante distinção entre a vida religiosa e as atividades seculares. É, contudo, através das obras de Calvino que o termo “vocação”, aplicado ao trabalho mundano, atinge sua máxima expressão religiosa. Então, podemos indagar: Que sentido Calvino atribuiu a tal termo? Como ele o vinculou ao seu conceito de trabalho?

<sup>121</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 538.

<sup>122</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 65.

<sup>123</sup> Ver AQUINO, Tomás. *Quaest. Quodlibetal*, VII, Art. 17c. Consulte também MAURENBRECHER. *Thomas Von Aquino's Stellung zum Wirtschaftsleben Seiner Zeit*, 1888.

<sup>124</sup> WEBER, Max. *O Espírito do Capitalismo*, p. 65.

A Escritura usa esta palavra VOCAÇÃO para mostrar que uma forma de viver não pode ser boa nem aprovada, a não ser que Deus seja o seu autor. E esta palavra VOCAÇÃO também quer dizer “chamado”; e este “chamado” implica em que Deus faça sinal com o dedo e diga a cada um: quero que vivas assim ou assim.<sup>125</sup>

Primeiramente, é importante notar de onde Calvino alega extrair sua concepção de “vocação”. As Escrituras judaico-cristãs constituem sua principal fonte documental; portanto, sua epistemologia fundamenta-se grandemente na autoridade do registro bíblico. É provável que Calvino, ao conceber sua noção de “vocação”, tenha tido em mente passagens do Antigo Testamento, tais como Êxodo 31:5<sup>126</sup> e 35:21<sup>127</sup>, nas quais aparece a palavra “serviço” ou “ofício”, entendida por ele como sinônimos de “vocação”, aplicadas ao trabalho dos artífices, uma ocupação geralmente tida como secular.

Ora, se aceitar uma “forma de viver aprovada por Deus”, ou seja, atender ao Seu “chamado” (vocação, para Calvino), consiste em envolver-se em ocupações para as quais Deus nos designou - e isto de modo algum excetua as ocupações mundanas e rotineiras, como se percebe em todo o sistema teológico de Calvino - então fomos designados (“Predestinados” - outro conceito calviniano que precisa ser levado em consideração<sup>128</sup>), como seres humanos, para trabalhar. As pessoas, como bem afirmou Cláudio Lembo, “devem buscar a perfeição no cotidiano da vida, honrando a Deus pelas contínuas conquistas advindas do trabalho”.<sup>129</sup> O trabalho, unicamente, consistiria o meio através do qual o homem poderia atender ao chamado divino, obedecendo a sua vocação e glorificando ao Criador. Esta idéia faz de Deus o autor e o responsável pelo

<sup>125</sup> CALVINO, João. *Sermão XLIV sobre a harmonia dos evangelhos*: Mt. 3:11-12. OPERA CALVINI, tomo XLVI, p. 554.

<sup>126</sup> “E em lavramento de pedras para engastar, e em entalhadura de madeira, enfim para trabalhar em todo ofício”. Êx. 31:5.

<sup>127</sup> “E veio todo homem cujo coração o moveu, e todo aquele cujo espírito o estimulava, e trouxeram a oferta alçada do Senhor para a obra da tenda da revelação, e para todo o serviço dela, e para as vestes sagradas”. Êx. 35: 21.

<sup>128</sup> Para uma compreensão mais profunda acerca da “Doutrina Calviniana da Predestinação” veja KLOOSTER, Fred H. *A doutrina da predestinação em Calvino* e o capítulo 2 desta pesquisa.

<sup>129</sup> CLAUDIO LEMBO, op. cit.

trabalho humano. Daí a visão elevada do trabalho no pensamento do reformador. Deus está na origem do trabalho humano. Isto atribuí, de certa forma, um aspecto espiritual e transcendental às ações dos homens.

O Deus representado por Calvino é um Ser Criador e mantenedor que designa aos homens tarefas a serem realizadas. Deus os criou para *ocupação* não para o *ócio*. Diz Calvino, interpretando a *parábola dos trabalhadores da vinha* citada por Jesus: “Criados foram os Homens para fazer algo e... Deus a cada um propicia algum encargo e exercício para que não fiquem ociosos”.<sup>130</sup> E, comentando o texto de Lucas 17:7-10, afirma: “Assim, pois, lembre-se cada um de que foi criado por Deus a fim de trabalhar diligentemente e de entregar-se à sua tarefa e isto não por um tempo, pelo contrário, até a morte e, mesmo, não somente para viver, mas ainda para morrer para Deus”.<sup>131</sup> Ou seja, Calvino explicitamente afirma que Deus nos criou a “fim de trabalhar”. Portanto, o trabalho é algo que surge, não entre os agitados engenhos e procedimentos humanos, mas na mente do Ser divino. Esta concepção posiciona “fora da história” dos homens a origem do trabalho. Isto, sem dúvida, concede uma noção metafísica às atividades humanas.

Calvino tinha em mente o texto de Gênesis 2:15 ao formular sua doutrina da “origem transcendental do trabalho”. O texto bíblico simplesmente diz: “Tomou, pois, o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Édem para o lavrar e guardar”. É interessante ressaltar que tal “ordem divina” de lavrar o solo e guardar o jardim fora anunciada ao homem recém criado. Portanto, para Calvino, o trabalho torna-se uma realidade humana no ambiente da total perfectibilidade edênica. Ali, no jardim do Édem, antes da Queda (este é outro daqueles conceitos teológicos), o homem perfeito

<sup>130</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, Mt. 20:1.

<sup>131</sup> Idem.



recebeu sua vocação, a ordem de trabalhar – “... e o pôs no jardim para o lavrar e guardar”. Calvino assim comentou o texto de Gênesis 2: 15:

Moisés acrescenta agora que a terra foi outorgada ao homem com esta condição: que se ocupasse em cultivá-la, de onde se segue que foram os homens criados para empregar-se em fazer alguma coisa e não para estarem ociosos e indolentes. Verdade é que esse labor era bem alegre e agradável, longe de todo enfado e dissatisfação; todavia, quando Deus quis que o homem se afixesse de cultivar, na pessoa dele condenou a ociosidade e a indiferença...<sup>132</sup>

Ao invés de fazer recair sua ênfase, como muitos de seus contemporâneos o fizeram, no texto de Gênesis 3:17-19<sup>133</sup> que aparentemente posiciona o labor humano como uma realidade pós-queda, ou seja, como uma “maldição divina” por causa do pecado do homem, Calvino seguiu por outro caminho. Ele concebeu o trabalho não como “maldição”, mas como uma realidade pré-queda, por conseguinte, uma “instituição perfeita” desde que seja praticada como digna de sua verdadeira origem.<sup>134</sup>

Enquanto alguns de seus contemporâneos recomendavam, baseados nas palavras do próprio Jesus, a imitação da ociosidade dos lírios do campo e das aves dos céus,<sup>135</sup> ou seja, um relativo abandono da vida humana à providência divina, o reformador João Calvino centralizou toda sua “teologia do trabalho” em textos paulinos, tais como, 2 Tessalonicenses 3: 10, no qual o apóstolo Paulo afirma categoricamente: “Se não queres trabalhar, não comerás”; e I Tessalonicenses 4: 11, que diz: “Procureis viver tranquilos, tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo mandamos”. Ora, enquanto alguns usavam a história neotestamentária de Marta e

<sup>132</sup> CALVINO, João apud BIELER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. p. 523.

<sup>133</sup> “E ao homem Deus disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrochos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás”. Gênesis 3:17-19.

<sup>134</sup> Para uma reflexão mais detalhada sobre a “forma adequada de trabalho” no pensamento de Calvino ver o capítulo 5 desta pesquisa.

<sup>135</sup> *Mat. 23: 2-7*

Maria<sup>136</sup> para provar que a *vida contemplativa* (atitude de Maria, que ouvia atentamente as palavras do Mestre) encontrava-se acima da *vida ativa* (atitude de Marta, que se esforçava nos trabalhos domésticos), Calvino insistia nas passagens paulinianas que atribuíam valor às atividades humanas.<sup>137</sup>

Deus nos fez para o serviço, afirmava o reformador genebrino. Este é o único meio de glorificá-lo. É o único meio de ser plenamente humano. Abster-se de trabalhar é, conforme Calvino, deixar parcialmente de ser humano, pelo menos no sentido para o qual fora criado. Recusar-se a trabalhar é uma desumanização.<sup>138</sup> Biéler enfatiza a idéia de que o homem não se realiza senão no trabalho:

Para ser um homem autêntico, realizado, em plena posse de sua humanidade, deve o ser humano trabalhar na fé e na obediência a Deus. Tal é sua profunda vocação. É a isto que ele foi chamado, desde a origem, segundo nos indica a narrativa da Criação. Se não trabalha não responde a esta vocação.<sup>139</sup>

Foi a partir das obras de Calvino, não das declarações esparsas e pouco contundentes de Lutero<sup>140</sup> e outros reformadores, que os protestantes em geral chegaram a conceber o “cumprimento das atividades mundanas”, e só ele, como o verdadeiro estilo de experiência requerida por Deus. Ao contrário do que afirmavam os monges católicos, os protestantes começavam a entender sua “vocação” como residindo não numa “fuga” da moralidade mundana por meio do ascetismo monástico, mas no cumprimento das ações e obrigações seculares impostas ao homem. É no mundo, e com seus afazeres rotineiros, que o homem deve glorificar ao seu Criador – esta é sua vocação; esta é a Vontade de Deus.

<sup>136</sup> Ver Lc. 10: 38-42: “Ora, quando iam de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. Tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava preocupada com muito serviço; e aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado a servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, estás ansiosa e perturbada com muitas coisas; entretanto poucas são necessárias, ou mesmo uma só; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.

<sup>137</sup> Ver I Ts. 4:11; Jo. 9:4; Mt. 21:28; etc.

<sup>138</sup> LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 34.

<sup>139</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 523.

<sup>140</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* – 60.

Max Weber sintetizou o supracitado nos seguintes termos: "O efeito da Reforma em si mesmo, se comparado com a atitude católica, foi o de aumentar poderosamente a ênfase moral e a sanção religiosa em relação ao trabalho secular organizado no âmbito da vocação".<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* - 67

## CAPÍTULO V

### TRABALHO COMO “IMITAÇÃO” DA ATIVIDADE DIVINA

A idéia do trabalho sustentada por João Calvino deriva, em grande medida, de sua releitura da Bíblia e de sua concepção sobre o *agir de Deus* na História. Como tais fatores, tipicamente religiosos, se relacionam com o significado que ele atribuiu ao Trabalho? Como elementos expressamente teológicos podem comunicar sentido a algo tido como pertencente às dimensões social e econômica? A resposta pode ser encontrada no fato, já há muito conhecido, de que as idéias, e de uma forma muito peculiar, as de cunho religioso, condicionam, mas não sozinhas, os comportamentos e as atitudes dos homens.<sup>142</sup>

Não estamos aqui divulgando uma espécie de filosofia idealista extremada, capaz de negar absolutamente qualquer realidade senão a das idéias. Estamos apenas afirmando a influência patente das crenças e valores, sociais e individuais, sobre o comportamento dos indivíduos e dos grupos. Portanto, não é de se admirar que a idéia que Calvino mantinha de Deus e do viver cristão serviram como lentes através das quais ele percebeu o mundo a sua volta e as transformações nele existentes.

Calvino representa Deus como um Ser completamente ativo e benevolente, que não pára um só instante de trabalhar em prol de suas criaturas. Trabalhar na esfera humana, portanto, consiste em imitar a obra de Deus, realizada numa outra esfera de atuação; consiste em copiar o modelo divino - Daí a idéia da eminente dignidade do trabalho. Percebam o vínculo existente entre os elementos sócio-econômico e metafísico; sendo que este último empresta significado ao primeiro.

---

<sup>142</sup> Ver LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

Para Calvino, é a ação providencial que Deus realiza no mundo criado que fundamenta, ou seja, atribui sentido, a ação livre do homem. Agir livremente consiste em refletir o “trabalho” do próprio Deus que, por ser Criador e mantenedor de todas as coisas, por definição, jamais cessa de “trabalhar”.<sup>143</sup>

Esta idéia que representa Deus como estando a “trabalhar” continuamente, Calvino extraiu das palavras de Jesus registradas no evangelho segundo João.<sup>144</sup> Embora tais palavras do Mestre da Galiléia sejam bastante claras quanto a existência de um certo “trabalho” realizado por Deus; tal passagem do Novo Testamento não especifica suficientemente a natureza deste “trabalho divino”. Em geral, a teologia dos reformadores representa Deus como um Ser estático em sua natureza interna, por ser imutável em seus propósitos; mas plenamente dinâmico em suas ações, pois está a governar incessantemente a história dos homens.

Porém, ao longo dos anos, surgiram várias opiniões acerca do “trabalho divino”. Alguns exegetas têm entendido o “trabalho” de Deus mencionado em João 5:17 como incluindo, não a *Criação Original* relatada no Gênesis, mas a *Manutenção* de tal Criação material, a *Redenção* e a *Restauração* de todas as coisas.<sup>145</sup> Pois a Criação descrita nos primeiros capítulos do Gênesis fora concluída na própria semana criativa conforme Gênesis 2:1-4<sup>146</sup> e Hebreus 4:3<sup>147</sup>. Sob influência helenística, e também referindo-se não a Criação dos elementos materiais, ou seja “coisas mortais”, mas à uma espécie de Criação continua de “coisas divinas”, o filósofo judeu Filo (20 a.C – 40 d.C)

<sup>143</sup> Para uma discussão pormenorizada sobre o posicionamento cristão acerca da “atividade de Deus na História” veja, NIEBUHR, Reinhold. *The biblical view: The sovereignty of God and universal history in faith and history: a comparison of christian and modern views of history*. New York: Charles Scribner's Sons, 1949.

<sup>144</sup> Jo. 5:17: “Mas Jesus lhes respondeu: *Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também*”.

<sup>145</sup> Para uma leitura mais ampla acerca desta interpretação ver WESCOTT, B. F. *The gospel*, p. 84.

<sup>146</sup> “Assim foram acabados os céus e a terra, com todo o seu exército. Havendo Deus completado no dia sétimo a sua obra, descansou nesse dia de toda a obra que fizera. Abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que criara e fizera. Eis as origens dos céus e da terra, quando foram criados. No dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus”. Gênesis 2: 1- 4.

<sup>147</sup> “[...] embora as suas obras estivessem acabadas desde o fim do sétimo dia...”

escreveu: “Deus nunca pára de criar, porque como queimar é a propriedade do fogo e esfriar a da neve; também criar é a propriedade de Deus”.<sup>148</sup>

Segundo o teólogo chileno Mário Veloso<sup>149</sup>, os rabinos Gamaliel II, Josué Ben Chanánias, Eliezer Ben Azarias e Aquiba defenderam, por volta de 130 A.D. em Roma, a idéia de que Deus continua sua Obra Criadora. No entanto, cerca de 360 A.D., o rabi Pinchas se opôs a este ponto de vista afirmando que Deus acabou sua *obra criadora*, mas não sua *atividade salvadora*.<sup>150</sup>

Ora, que Calvin entendeu a natureza do “trabalho divino” retratado em João 5:17 como significando a “Manutenção” das coisas criadas, e não a “Atividade Criadora” de Deus é evidente por suas próprias palavras ao comentar este versículo bíblico:

Deus não cessou de, por Seu alto poder, sustentar o mundo que Ele criou, de governá-lo consoante seu conselho, de mantê-lo por sua bondade, de ordenar todas as coisas segundo seu beneplácito, tanto no céu quanto na terra. Destarte, foi a criação do mundo concluída em seis dias, mas a administração e governo do mundo perduram para sempre; e Deus age sem cessar na manutenção e conservação do mundo...<sup>151</sup>

Esta última sentença apresenta de maneira clara sua forma de entender o “agir divino”. É baseado em um entendimento do “trabalho divino” que Calvin concebe seu conceito de “trabalho humano”; sendo, em sua concepção, este o translato daquele. Trabalhar é executar o que o próprio Deus faz.<sup>152</sup> Mas, sob a ótica calviniana, não é todo e qualquer trabalho que espelha o agir divino. É necessário um certo “ajustar-se à ação de Deus”.<sup>153</sup> De fato, Calvin apresenta em seu esquema doutrinário duas formas de realização do trabalho – o *labor futil* dos incrédulos, que não reconhecem a soberania

<sup>148</sup> FILO. *Legum allegoriae*. I. 16.

<sup>149</sup> VELOSO, Mário. *Comentário do evangelho de João*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1984, p. 137.

<sup>150</sup> STRACK, H., BILLERBECK, P. *Kommentar*, II, p. 420-423.

<sup>151</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, Jo. 5:17.

<sup>152</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvin*, p. 514.

<sup>153</sup> Idem.

de Deus, e o *labor eficaz* dos fiéis.<sup>154</sup> Perceba que o critério calviniano para distinguir entre as realizações do trabalho não se centraliza na natureza mesma destas operações, mas no espírito daqueles que as pratica. Aqui, outra vez, a dimensão religiosa do pensamento controla o teor das afirmações.

André Biéler, através de sua leitura das obras de Calvino, explica o que significa “ajustar-se à ação de Deus”:

Na medida em que o trabalho toma o lugar de Deus, absorve toda a existência e não mais se reporta a seu fim, está ele votado ao fracasso. A secularização do trabalho é um pecado tão grave quanto sua divinização.<sup>155</sup>

Biéler parece equiparar “secularização do trabalho” com a expressão “tomar o lugar de Deus”, e afirma que tal proceder “pecaminoso”<sup>156</sup> provoca um desvio do verdadeiro “fim do trabalho”. Aqui seria interessante indagar: O que significa, para Calvino, “tomar o lugar de Deus” no contexto do trabalho? Por que tal conduta desviaria o trabalho do seu *fim essencial* e o tornaria inválido, ou seja, deixaria de ser uma réplica legítima do trabalho divino? Tentemos responder a estas perguntas consultando a própria obra de Calvino.

Afirma o reformador:

Mostremos pelo nosso viver que não em vão temos nós sido ensinados por Deus: todos quantos a este alvo não dirigem suas afeições, bem poder-se-á fazer que muito suarão e trabalharão, mas farão nada mais do que labutar aqui e ali e, como se diz, girar em torno do pote sem ir adiante.<sup>157</sup>

É evidente que, aqui, Calvino está se referindo ao *labor inítil* dos incrédulos, que não dirigem suas afeições aos “ensinos de Deus”. Este tipo de conduta torna,

<sup>154</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento, Mt. 6: 2.*

<sup>155</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 526.

<sup>156</sup> Para uma discussão acerca do conceito cristão de “pecado” veja GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*, p. 212-215. Veja também GAARDEN, Jostein et al. *O livro das religiões*. São Paulo: CIA das Letras, 2000, p. 148-152.

<sup>157</sup> CALVINO, João. *Op. Cit.*, Colossenses 1:10.

segundo Calvino, qualquer ação humana de pouco ou nenhum valor, significa errar o alvo, tergiversar do verdadeiro fim do trabalho que consiste em “voltar-se para Deus”.

Calvino afirma também: “... sujeitamos toda nossa vida à obediência de Deus só. Daí procedem as boas obras que são os frutos que Deus requer de nós”.<sup>158</sup> E, em outra ocasião: “Ora, nem mesmo aos melhores trabalhadores nada resta senão usar do recurso de, com toda humildade, a Deus rogar perdão a suas faltas”.<sup>159</sup> E, ainda:

É a verdadeira prova de nossa fé quando nada esperamos de outra fonte senão de Deus e não somente O reconhecemos como a fonte única de todos os bens, mas sentimos também que Sua paterna bondade se estende até as coisas mais pequeninas, de sorte que Ele não desdenha cuidar até mesmo de nossa própria carne.<sup>160</sup>

É possível, pelo menos em parte, compreender pela leitura dos textos supracitados, principalmente por este último, o que Calvino tinha em mente quando tratou do verdadeiro *fim* do trabalho – o cumprimento da vontade de Deus. E, sem dúvida, para ele, esta vontade estava expressa nas Sagradas Escrituras. A terminologia por ele utilizada é tipicamente teológica. Perceba os termos “sujeição”, “paterna bondade”, “fé”, “humildade”, “perdão”, etc. Estas sentenças estão impregnadas da filosofia cristã. Assim, “tomar o lugar de Deus” significa não atribuir a Ele, que é a fonte de todas as coisas, o devido mérito e honra pela manutenção e satisfação das nossas necessidades. Isto consistiria em abandonar a “verdadeira humildade” e confiar em suas próprias obras; enfim, consistiria em não reconhecer e professar a divina providência.<sup>161</sup>

Portanto, para Calvino, a única forma de trabalho legítimo é aquela em que o homem se engaja livremente, depositando plena confiança e obediência em Deus, e o *reconhecendo como fonte suprema de onde emanam todos os recursos, inclusive*

<sup>158</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento, Colossenses 1:10*.

<sup>159</sup> *Idem*, Jo. 4:31.

<sup>160</sup> *Idem*, Mateus 6:11.

<sup>161</sup> Sobre a doutrina da “Providência Divina” em Calvino veja o Capítulo 2 da presente pesquisa.



materiais.<sup>162</sup> Trabalhar é, conforme o pensamento calviniano, não *um fim* em si mesmo, mas *um meio* de glorificar ao Criador – é uma manifestação externa e comportamental daquele que aceita a vocação divina.<sup>163</sup> Toda atividade humana que não esteja dentro destes parâmetros não passa de labor inútil, de efeitos efêmeros. Como disse Calvino:

Quando pensarás recolher o fruto de teu labor, dele privado estarás... Ainda que não cesses de lavrar e cultivar, e que já a partir da manhã te ponhas a trabalhar, contudo, nada avançarás...Pena semelhante é também anunciada para com todos os maus, que nada ganham com levantar-se bem de madrugada e trabalhar arduamente, porquanto nenhum proveito resultará de todo o seu labor.<sup>164</sup>

É patente que o trabalho legítimo, para Calvino, longe de ser uma dimensão independente da experiência humana, consiste em uma ação estreitamente associada ao completo viver cristão, um modo de ação completamente indissociável a um sistema unificado – a conduta dos fiéis.

Max Weber, ao tratar do Calvinismo, conseguiu sintetizar de forma excelente esta relação do trabalho com os aspectos teológicos do pensamento calviniano, quando escreveu:

O mundo existe para servir à glorificação de Deus, e só para este propósito. Os cristãos eleitos estão no mundo apenas para aumentar a glória de Deus, obedecendo a Seus mandamentos com o melhor de suas forças. Deus, porém, requer realizações sociais dos cristãos, porque Ele quer que a vida social seja organizada conforme Seus mandamentos, de acordo com tais propósitos. A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade *in majorem gloria Dei*. Este caráter é pois partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana da comunidade.<sup>165</sup>

Não é difícil apreender que é no vórtex de elementos impregnados de idéias religiosas que emerge a idéia calviniana do trabalho; e que esta não é um fator isolado e superenfaticado em seu pensamento, mas uma espécie de projeção, ou conclusão lógica

<sup>162</sup> Ver CATECISMO de 1537, p. 78. OPERA CALVINI, tomo XXII, p. 65.

<sup>163</sup> Sobre o Conceito calviniano de "Vocação Divina" veja o Capítulo 4 da presente pesquisa.

<sup>164</sup> CALVINO, João. *Lições de Isaias*, Is. 17:11.

<sup>165</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 82.

que deriva predominantemente de um esquema bem mais abrangente e multifacetado que é sua Teologia Reformada. Como o próprio Weber reconheceu:

[...] os programas de reforma ética nunca estiveram no centro dos interesses de qualquer dos reformadores... Eles não foram os fundadores de sociedades de cultura ética nem propuseram projetos humanitários de reforma social ou ideais culturais. A salvação da alma, e só ela era o centro de seu trabalho e de suas vidas. Seus ideais éticos e os resultados práticos de sua doutrina eram todos baseados apenas nela, e eram conseqüências de motivos puramente religiosos.<sup>166</sup>

Portanto, o conceito de trabalho em Calvino não emerge de uma reflexão tipicamente sociológica ou econômica, mas de uma Teologia essencialmente cristã que tem como suporte teórico fundamental as Escrituras vétero e neotestamentárias. Com isto não estamos querendo dizer que unicamente fatores teológicos contribuíram para construção do pensamento calviniano; isto seria, no mínimo, limitar desnecessariamente nosso objeto de pesquisa – ao que resistimos veementemente.

Há, ainda, um outro aspecto fundamental, no pensamento de Calvino, que torna o trabalho humano genuíno – o serviço ao próximo. Além de trabalhar sob humildade e reconhecimento de total dependência de Deus, o “trabalhador fiel” procurará se abster de qualquer tipo de atividade que não venha, de certa forma, a contribuir para o bem estar de outrem ou da sociedade. Calvino escreveu:

Ademais, é preciso notar-se que há diferentes modalidades de trabalho. Quem quer que ajuda e produz benefício à sociedade humana através de seu labor, seja governando a própria família, seja administrando negócios públicos ou particulares, seja aconselhando, seja ensinando a outros, ou de qualquer outro modo que seja, não deve esse ser contado entre os ociosos.<sup>167</sup>

E, comentando o texto do apóstolo Paulo registrado na Epístola aos Efésios<sup>168</sup>, escreveu: “Visto que há muitas atividades que servem a prazeres, na verdade, a prazeres **que longe estão de castos. São Paulo nos quis recomendar também que escolhêssemos**

<sup>166</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 71.

<sup>167</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, II Ts. 3:10.

<sup>168</sup> Ef. 4:28: “Aquele que furtava, não furtar mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tem necessidade.”

trabalhos que trazem real benefício ao próximo”.<sup>169</sup> Ainda comentando o texto de Efésios 4: 26-28, afirma:

Ora, São Paulo, por esta causa, faz aqui uma distinção. Não basta que se diga: Ó, eu trabalho, tenho minha ocupação, ou desempenho tal ofício: isso não basta. Que se leve em conta, porém, se isso é bom e proveitoso aos outros e se pode servir ao próximo. Não visam todas as ocupações e todos os estados a esse fim, e não devem elas também a isso reportar-se, isto é, não deve cada um buscar em quê se poderá empregar para não ser útil? Eis porque somos comparados aos membros de um corpo... Certo é que jamais profissão alguma será dEle aprovada se não for útil, e se o público não for dela servido, e se também não redundar em proveito de todos.<sup>170</sup>

Para Calvino o verdadeiro labor consiste em uma obra solidária centralizada no proveito de toda a comunidade. E, no dizer de Biéler, “não há verdadeiro trabalho que não seja um serviço”.<sup>171</sup> Não basta apenas proceder honestamente e em atitude de verdadeira humildade cristã para com Deus e os homens, se bem que esta é uma das características fundamentais do *labor eficaz*, é necessário prestar serviço comunitário. Assim afirmou o reformador genebrino:

Ainda que nos abstenhamos de todo malefício, não quer isso dizer que hajamos satisfeito a Deus, que de mútua obrigação investiu os homens a que diligenciem por um ao outro beneficiar e assistir. Dai, dúvida não há de que recomenda Ele liberalidade e todos os demais deveres pelos quais se mantêm a companhia e comunidade dos homens.<sup>172</sup>

?

E conclusivamente: “Estado mais louvável não há diante de Deus que daqueles que produzem algum benefício à sociedade comum dos homens”.<sup>173</sup>

Max Weber, acerca deste “fim comunitário” do trabalho sob a ótica calviniana, apropriadamente escreveu:

A organização e o arranjo do universo, maravilhosamente intencionais, são evidentemente, tanto de acordo com a Bíblia como pela intuição natural, planejados por Deus para serem de utilidade para raça humana. Isto faz com

<sup>169</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, Ef. 4:28.

<sup>170</sup> Idem. *Sermão XXXI sobre Ef. 4:26-28*. OPERA CALVINI, Tomo LI, p. 639.

<sup>171</sup> BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 536.

<sup>172</sup> CALVINO, João. *Comentário aos cinco livros de Moisés*, Dt. 24:6.

<sup>173</sup> CALVINO, João. *Op. Cit.* Mt. 25:24.

que o trabalho a serviço de pública e impessoal utilidade pareça promover a glória de Deus, sendo portanto por Ele desejado.<sup>174</sup>

Enfim, podemos agora responder as indagações suscitadas anteriormente. O que significa, para Calvino, “tomar o lugar de Deus”, em se tratando do trabalho? ~~Porque~~ tal “conduta” desviaria o trabalho do seu alvo original e o tornaria tão nulo e fugaz, ou seja, deixaria de ser uma imagem legítima do trabalho divino? Para Calvino “tomar o lugar de Deus” consiste em não reconhecê-lo como fonte mantenedora de todos os recursos; consiste em confiar em suas próprias realizações atribuindo mérito ao labor e conduta humanos.<sup>175</sup> Isto, na ótica calviniana, é o mesmo que afirmar que o homem é auto-suficiente em suas ações. Este proceder caracteriza o *labor inútil* dos incrédulos, que glorificam as obras de suas mãos e não a Deus.

Não obstante, pensa ele, o trabalho é um meio de glorificar o Criador, uma forma do homem participar na obra de Deus, copiando-lhe o modelo. Dado que Deus está incessantemente trabalhando no governo da história dos homens, e que todo seu trabalho consiste de ações inerentemente benignas para a humanidade, infere-se que qualquer atividade que não venha a glorificar tal Ser e promover a unidade entre os homens, por meio do serviço benigno e comunitário, não passa de atividades superficiais, agitação sem nexos, destituída de qualquer valor permanente, simplesmente nulidade.

O conceito de trabalho em Calvino foi, até certo sentido, original. Ele concebia a vida espiritual e as atividades seculares como intimamente interligadas, indissociáveis, como fazendo parte de um coeso e único sistema divinamente designado. E, Como afirmou um renomado autor, tratando do Calvinismo: “Talvez nunca tenha existido uma forma mais intensa de valorização religiosa do agir ético do que aquela que o

<sup>174</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 82.

<sup>175</sup> CALVINO, João. *Comentários ao Novo Testamento*, Jo. 4:31

Calvinismo induzia em seus adeptos".<sup>176</sup> Esta visão "elevada" do trabalho humano sem dúvida trouxe repercussões sociais interessantes acerca das quais Max Weber, em seu clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, já tratou extensamente.

Acerca desta visão "elevada" do trabalho, podemos concluir citando uma declaração de *O Pensamento de João Calvino*:

Na concepção cristã, o trabalho dignifica o homem, devendo o cristão estar motivado a despeito do seu baixo salário ou do não reconhecimento humano, embora as Escrituras também observem que o trabalhador é digno do seu salário (Lc. 10:7). Seu trabalho deve ser entendido como uma prenda feita a Deus, independente dos senhores terrenos, deste modo, o que de fato importa não é o trabalho em si, mas o espírito com o qual ele é realizado; a dignidade deve permear todas as nossas obras, visto que as realizamos para o Senhor.<sup>177</sup>

Eis aí o que consideramos uma "síntese Perfeita" do Conceito Calviniano do Trabalho. ←

<sup>176</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 87.

<sup>177</sup> LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*, p. 12

## CONCLUSÃO

O conceito de trabalho em Calvino não surge, a priori, de uma reflexão essencialmente histórica, sociológica ou econômica, mas de uma Teologia essencialmente cristã que tem como alicerce teórico fundamental as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Não obstante a importância de fatores teológicos na composição de tal conceito, é possível perceber a presença inevitável de elementos contextuais imediatos e condicionantes em seu ambiente e época, os quais emergem de estruturas de idéias mais abrangentes que, por sua vez, acham-se inseridas em um todo multifacetado e complexo que promoveu, no século XVI, uma espécie de desconstrução das estruturas tradicionais medievais a fim de promover a construção de uma nova realidade dita moderna.

Aqui incluímos o Renascimento e o Humanismo como agentes modeladores do pensamento calviniano e da própria filosofia individualista e racional que caracterizou toda a fisionomia do movimento da Reforma religiosa. Inclui-se também a divulgação dos novos valores sócio-econômicos da classe média que, de certa forma, gerou um *ambiente* de fecundas motivações comerciais; no interior do qual se tornou necessário uma releitura da ética do trabalho, dos lucros, da riqueza, do comércio e da bolsa, sob uma ótica individualista, visando à apreensão e a propagação de idéias mais “adequadas” a esta nova ética. Esta nova realidade procurava retirar todo e qualquer entrave ou empecilho, econômico ou religioso, impostos pela Igreja Medieval ao desenvolvimento das faculdades econômicas.

Portanto, a reformulação da ética do trabalho e a produção de um novo conceito *que viesse valorizar ou dignificar esta realidade, tida em geral como ruim, era, de fato,* uma “exigência de sua época”, algo inevitável; e esta circunstância agiu, impetuosamente, sobre as idéias de Calvino acerca do trabalho, conferindo-lhe

importância e conseqüente aceitação. Não se pode desprezar tais fatores históricos quando se procura entender o processo de formação do conceito calviniano do trabalho. Mas, nem Calvino, ou qualquer dos reformadores, estabeleceram a necessidade de transformações dos paradigmas econômicos de sua época como elemento prioritário para a proposição de um novo conceito. Era a salvação da alma a mais urgente preocupação. Não podemos retirar da Reforma sua principal característica, nem podemos desvestir o homem daqueles dias de suas atribuições marcadamente religiosas.

Não podemos fazer vistas grossas à dimensão material como elemento condicionante da conduta; no entanto, é preciso perceber que tal dimensão não é suficiente para exaurir todas as explicações.<sup>178</sup> O fenômeno religioso consiste numa estrutura consistente de idéias que age no homem, no âmbito subjetivo da fé, ou seja, no nível mais profundo de sua identidade psíquica, de forma a produzir uma espécie de conduta que se alastra por todas as dimensões da vida mundana. Portanto, associar o trabalho humano, como fez Calvino, a esta realidade generalizante da psique, tida como um fator metafísico ou espiritual, consiste em valorizar sobremaneira a vida no interior do profano, elevando-a a categorias nunca antes concebidas.

Calvino enfatizou a estreita relação do trabalho humano com a obra divina de uma forma singular, conferindo assim ao labor humano dignidade e valor espirituais nunca antes visto na história. Ele relaciona o trabalho humano com os conceitos de providência e predestinação divinas presentes em seu sistema teológico. A representação do Deus cristão encontra-se no centro de sua abordagem sócio-econômica, e toda sua concepção acerca do trabalho é deduzida a partir desta representação.

---

<sup>178</sup> Veja WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

O elemento teológico empresta sentido aos demais elementos de seu pensamento. Suas idéias estão impregnadas da filosofia cristã, e seu conceito de trabalho acha-se inserido em uma conjuntura humanista, porém distintamente cristocêntrica, de valorização das atividades humanas. Trabalhar é tido, em Calvino, como a primeira vocação do homem, desde que fora criado. A ele Deus conferiu a honra e o privilégio de seguir-lhe o exemplo. Ora, se o Deus Criador jamais cessa de trabalhar na manutenção do universo, fazendo todos os eventos da vida humana cooperar na realização final dos Seus propósitos inescrutáveis, caberia ao homem – Imagem e Semelhança de Deus – direcionar todo o seu ser - o pensar, o falar e o agir - para a glorificação de seu eterno Criador, seguindo-lhe o modelo de ação.

Portanto, trabalhar significa imitar aquilo que Deus faz continuamente. Daqui brota o conceito de dignidade associado ao trabalho. É representando Deus como a Origem do trabalho humano que, no pensamento calviniano, se concebe uma visão elevada desta realidade secular. A isto, Calvino acrescentou a idéia de que os homens são predestinados por Deus, uns para vida, outros para a perdição. As implicações de tal doutrina são patentes. Os eleitos são exatamente aqueles que vivem “diante de Deus” para servi-lo e adorá-lo. Conseqüentemente, todo eleito deve trabalhar com a máxima perfeição possível, independente das circunstâncias, sabendo que não está simplesmente realizando um labor fútil, uma atividade terrena, mas algo bem maior que se encontra no âmbito de sua vocação. Trabalhar é encarado como sendo a plena realização da vontade de Deus no homem.

É evidente que tal associação de elementos religiosos positivos (pois o Catolicismo medieval também associava o trabalho a elementos teológicos, porém negativamente, interpretando-o como *maldição divina sobre o homem caído*) com o conceito de trabalho secular gerou um espírito inteiramente favorável a uma ética trabalhista que concebe o trabalho como uma forma de glorificar a Deus, incentivando o



homem a ver no cumprimento de suas atividades seculares o cumprimento da missão para a qual fora chamado a existência. Assim, o trabalho não é visto como um fim em si mesmo, mas um meio de seguir os propósitos de Deus.

Enfim, propomos a seguinte síntese do pensamento de Calvino acerca do Trabalho: 1. O ser humano é definido ontologicamente como um ser de dever; 2. O Trabalho consiste no primeiro dos deveres, meio por excelência do perfeito cumprimento dos demais deveres; 3. A noção de dever encontra-se estreitamente interligada às idéias da Providência e da Predestinação divinas e à idéia teleológica da vida humana sob a perspectiva da Teologia Reformada; 4. Há um princípio de responsabilidade moral e individual imanente ao trabalho humano o qual é visto como cumprimento legítimo da vocação; 5. Tal responsabilidade conduz o indivíduo a adotar um comportamento racional e uma atitude sistemática na realização do trabalho que envolve inevitavelmente elementos tais com esforço, dedicação, busca de perfeição, previsão e poupança; 6. A plena realização do homem consiste em glorificar a Deus e produzir benefícios à coletividade, fazendo do trabalho um meio de exaltar a Soberania do Criador e de promover o bem comunitário dentro da sociedade humana.

É ao conjunto unificado destas idéias que chamamos, nesta pesquisa, de conceito calviniano do trabalho. As *raízes* históricas de sua composição encontram-se no solo da Reforma Protestante, na Renascença italiana, no Humanismo, no Individualismo, na hermenêutica histórico-gramatical das Escrituras judaico-cristã, nos novos valores sócio-econômicos da burguesia e no “espírito da modernidade”. Seus *efeitos* podem ser encontrados em uma teologia que remonta as fontes agostinianas e paulinas, no desenvolvimento das práticas econômicas dos estados nacionais que abraçaram o protestantismo, e no surto da *acumulação do capital, ou seja, na formação do ethos capitalista*.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- AQUINO, Tomás. *Quaest. Quodlibetal*, VII, Art. 17c.
- BANDLER, Leslie Cameron et al. *O método imprint*. São Paulo: Summus, 1992.
- BANDLER, Richard, GRINDER, John. *A estrutura da magia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975.
- BATESON, Gregory. *Steps to ecology of mind*. Nova York: Balantine Books, 1972.
- BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. 1. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- BOISSET, Jean. *História do protestantismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- BLEICHER, Josef. *Hermenêutica contemporânea*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1980.
- BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1977.
- CALVINO, João. *As institutas ou tratado da religião cristã*. 1º ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Gálatas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pastorais*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Comentário ao Novo Testamento*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Sermão XLIV sobre a harmonia dos evangelhos: Mt. 3:11-12*. OPERA CALVINI, t. XLVI.
- \_\_\_\_\_. *Lições de Isaías, Is. 17:11*.
- \_\_\_\_\_. *Sermão XXXI sobre Ef. 4:26-28*. OPERA CALVINI, t. LI.
- \_\_\_\_\_. *Comentário aos cinco livros de Moisés, Dt. 24:6*.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1995.

- CHOMSKY, Noam. *Language and mind*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich Inc., 1968.
- FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência e teologia*. São Paulo: Ed. Luz para o Caminho, 1990.
- FILO. *Legum allegoriae*, I, 16. Cit. por VELOSO, Mário. *Comentário do evangelho de João*, p. 137.
- GAARDEN, Jostein et al. *O livro das religiões*. São Paulo: CIA das Letras, 2000.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1994.
- GRINDER, John, ELGIN, S. *A guide to transformational grammar*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1973.
- HECKMAN, Susan J. *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986.
- KORZYBSKI, Alfred. *Science and sanity*. Lakeville, Conecticut: The International Non-Aristotelian Library Publishing Company, 1933.
- KLOOSTER, Fred H. *A Doutrina da Predestinação em Calvino*. 1º ed. São Paulo: Ed. SOCEP, 1992.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- LAUTIER, Bruno. *Trabalho ou labor? Dimensões históricas e culturais*, in *Trabalho e cidadania*, Revista Ser Social, n. 5, p. 10, Jul. / Dez., 1999.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- LEMBO, Cláudio et al. *O pensamento de João Calvino*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.
- MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1994.
- NIEBUHR, Reinhold. *The biblical view: The sovereignty of God and universal history in faith and history: a comparison of christian and modern views of history*. New York: Charles Scribner's Sons, 1949.
- NIGG, Walter. *The heretics*. Nova York: Alfred A. Knopf, Inc., 1962.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.
- PIRRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 19.

Ricoeur, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêuticas*. São Paulo: Imago Editora, 1978.

Senarclens, Jacques. *Herdeiros da reforma*. São Paulo: Ed. ASTE, 1970.

Schaeffer, Francis A. *A fé de los humanistas*. Madrid: Felire, 1982.

Schaff, Philip. *History of the christian church*. Grand Rapids: Baker Book House, v. 8, 1931.

Scheleiermacher, Friedrich. *Hermeneutics and criticism: and other writings*. Cambridge University Press, 1998.

Weber, Marx. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

Wiles, Joseph Pitts. *As institutas da fé cristã: um resumo*. São Paulo: Ed. PES, 1984.

Veloso, Mário. *Comentário do evangelho de João*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1984.